



PROFHISTÓRIA

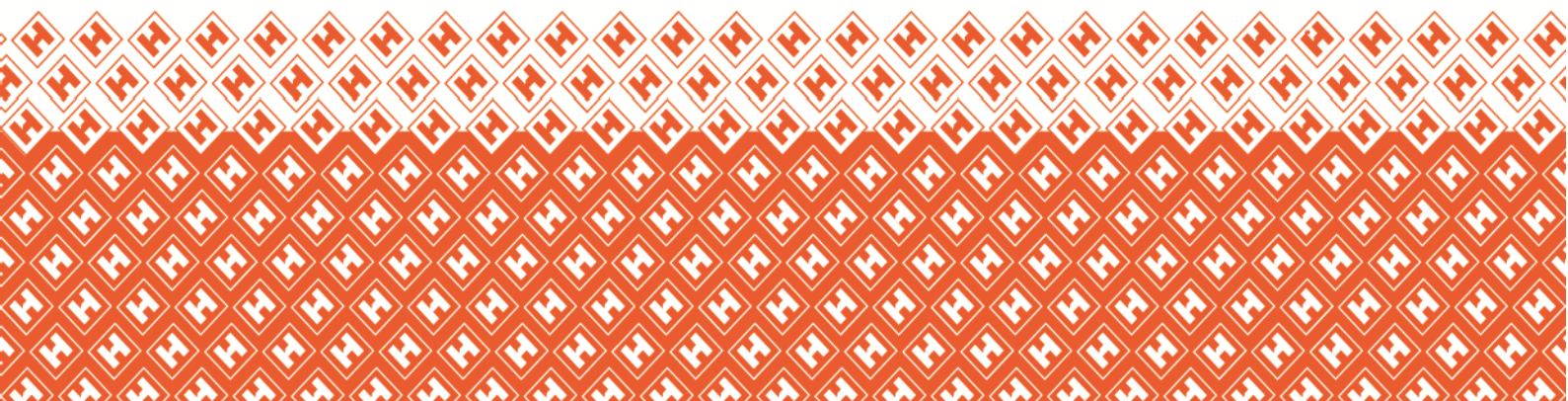
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

JORGE EVERTON DA TRINDADE
FOURNIER DOS SANTOS

**A BALAIADA NAS TRILHAS DA
EDUCAÇÃO: a relevância do
ensino da Balaiada para o
fortalecimento da identidade
histórica dos estudantes da rede
escolar em Nina Rodrigues – Ma**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA

Março / 2026



JORGE EVERTON DA TRINDADE FOURNIER DOS SANTOS

A BALAIADA NAS TRILHAS DA EDUCAÇÃO: a relevância do ensino da Balaiada para o fortalecimento da identidade histórica dos estudantes da rede escolar em Nina Rodrigues – Ma

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Ensino de História.

Orientadora: Profa. Dra. Antônia da Silva Mota

São Luís - Ma

2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Santos, Jorge Everton da Trindade Fournier dos.

A BALAIADA NAS TRILHAS DA EDUCAÇÃO: a relevância Do ensino da Balaiada para o fortalecimento da identidade histórica dos estudantes da rede escolar em Nina Rodrigues Ma / Jorge Everton da Trindade Fournier dos Santos. 2026.

87 p.

Orientador(a): Profa. Dra. Antonia da Silva Mota. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2026.

1. Ensino de História. 2. História Local. 3. Balaiada. 4.

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

JORGE EVERTON DA TRNDIDADE FOURNIER DOS SANTOS

A BALAIADA NAS TRILHAS DA EDUCAÇÃO: a relevância do ensino da Balaiada para o fortalecimento da identidade histórica dos estudantes da rede escolar em Nina Rodrigues – Ma

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Ensino de História.

São Luís, 30 de março de 2026
Resultado: Aprovado

BANCA EXAMINHADORA

Orientadora: Profa. Dra. Antônia da Silva Mota
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - PROFHISTORIA
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Profa. Dra. Júlia Constança Pereira Camêlo
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - PROFHISTORIA
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Profa. Dra. Elizabeth Souza Abrantes
Programa de Pós-Graduação em História - PPGHIST
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Dedico este trabalho aos estudantes e profissionais da escola Centro Educa Mais Major Érico Gomes Braga, de Nina Rodrigues – MA, sujeitos desta experiência, cuja participação, criatividade e compromisso reafirmam o potencial transformador do ensino de História quando conectado às vivências e ao território.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação representa o resultado de um percurso acadêmico, profissional e humano construído coletivamente ao longo do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal do Maranhão.

Primeiramente, agradeço a minha família, minha querida mãe Ana da Trindade Fournier e meu pai Luís Antônio Ribeiro dos Santos, vocês são meu alicerce nesse mundo. Agradeço à minha esposa Thayanna Christis Cabral da Silva dos Santos, pelo incentivo e pelo apoio ao longo dessa caminhada, especialmente nos momentos em que os desafios pareceram maiores que as possibilidades. Meus filhos Beatriz Silva Fournier dos Santos, Bernardo Cabral Fournier dos Santos e Helena Cabral Fournier dos Santos, vocês são tudo na minha vida e me encorajam a prosseguir.

À minha orientadora, Profa. Dra. Antônia da Silva Mota, expresso minha profunda gratidão pela orientação segura, pela disponibilidade constante e pelas valiosas contribuições teóricas e metodológicas que foram fundamentais para a construção deste trabalho. Sua generosidade intelectual e compromisso com a formação acadêmica foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Maranhão (ProfHistória/UFMA), aos professores e professoras que contribuíram para minha formação durante o curso, pelas reflexões, debates e aprendizados que ampliaram minha compreensão sobre o ensino de História e suas possibilidades pedagógicas.

Minha gratidão também se estende à escola Centro Educa Mais Major Érico Gomes Braga, em Nina Rodrigues – MA, que acolheu e possibilitou a realização da oficina pedagógica que fundamenta esta pesquisa. A Sra. Silvane de Sousa Muniz, gestora geral; ao Sr. Alberto Rodrigues Pimenta Filho, gestor administrativo e financeiro e; a Sra. Maria do Perpétuo Socorro dos Santos Araújo, gestora pedagógica. Enfim, aos professores e demais profissionais da instituição, agradeço pela parceria, pela confiança e pelo apoio no desenvolvimento das atividades.

Aos estudantes participantes da oficina pedagógica “A Balaiada nas trilhas da educação em Nina Rodrigues – MA”, registro um agradecimento especial. O envolvimento, a criatividade e o protagonismo demonstrados por vocês nas atividades, na produção dos materiais educativos e na encenação da peça teatral foram fundamentais para o êxito do projeto e para as reflexões apresentadas nesta dissertação.

Agradeço também ao Sr. Baltazar Melo, idealizador do Museu Recanto dos Balaios, pela disponibilidade em compartilhar conhecimentos, memórias e experiências relacionadas à história da Balaiada e ao patrimônio cultural local. Seu trabalho representa uma importante contribuição para a preservação da memória histórica da região.

Aos colegas do ProfHistória, pela troca de experiências, pelas discussões enriquecedoras ao longo desta jornada acadêmica. Às amizades construídas durante esse percurso, especialmente a Luciana de Oliveira Barros, minha gratidão pela parceria.

Por fim, agradeço à minha família e amigos, que sempre estiveram presentes oferecendo apoio e compreensão durante todo o processo de realização deste trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa, minha sincera gratidão.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

Esta dissertação analisa a relevância do ensino da Balaiada para o fortalecimento da identidade histórica e cultural dos estudantes da rede escolar no município de Nina Rodrigues – MA. Partindo da perspectiva da história local como estratégia pedagógica, o estudo busca compreender de que forma o ensino desse movimento histórico pode contribuir para a construção da consciência histórica e para a valorização da memória coletiva do território. A pesquisa fundamenta-se nos debates teóricos sobre ensino de História, história local, educação patrimonial e História Pública, dialogando com autores que discutem o papel da memória, do patrimônio cultural e das práticas pedagógicas participativas na formação de sujeitos críticos. Metodologicamente, o trabalho adotou uma abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da elaboração e aplicação da oficina pedagógica intitulada “A Balaiada nas trilhas da educação em Nina Rodrigues – MA”, realizada com estudantes da escola Centro Educa Mais Major Érico Gomes Braga. A proposta pedagógica integrou diferentes estratégias de ensino, como aulas dialogadas, visita ao Museu Recanto dos Balaios, produção de cartazes e materiais educativos e a elaboração e apresentação de uma peça teatral sobre a Balaiada, escrita e encenada pelos próprios estudantes. Os resultados indicam que a articulação entre história local, educação patrimonial e práticas pedagógicas participativas contribuiu para tornar o ensino de História mais significativo e contextualizado, favorecendo o protagonismo discente e o reconhecimento dos estudantes como sujeitos históricos. Além disso, a experiência evidenciou o potencial do diálogo entre escola, comunidade e espaços de memória na construção do conhecimento histórico e no fortalecimento da identidade cultural local. Conclui-se que o ensino da Balaiada, quando trabalhado a partir do território e das memórias comunitárias, constitui importante instrumento de formação cidadã e de valorização das lutas populares na história do Maranhão. Como produto educacional decorrente desta pesquisa, foi elaborado um guia pedagógico apresentado em anexo, que reúne orientações didáticas, propostas de atividades e estratégias metodológicas voltadas ao ensino da história local, com o objetivo de subsidiar a prática docente e promover abordagens mais contextualizadas, críticas e participativas no ensino de História.

Palavras-chave: Ensino de História; História local; Balaiada; Educação Patrimonial; Nina Rodrigues, MA.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the relevance of teaching about the Balaiada rebellion to strengthening the historical and cultural identity of students in the school system in the municipality of Nina Rodrigues – MA. Starting from the perspective of local history as a pedagogical strategy, the study seeks to understand how teaching about this historical movement can contribute to the construction of historical consciousness and the appreciation of the collective memory of the territory. The research is based on theoretical debates on history teaching, local history, heritage education, and public history, engaging with authors who discuss the role of memory, cultural heritage, and participatory pedagogical practices in the formation of critical subjects. Methodologically, the work adopted a qualitative approach, developed from the elaboration and application of the pedagogical workshop entitled "The Balaiada on the paths of education in Nina Rodrigues – MA", carried out with students from the Centro Educa Mais Major Érico Gomes Braga school. The pedagogical proposal integrated different teaching strategies, such as dialogic classes, a visit to the Recanto dos Balaios Museum, the production of posters and educational materials, and the creation and presentation of a theatrical piece about the Balaiada, written and performed by the students themselves. The results indicate that the articulation between local history, heritage education, and participatory pedagogical practices contributes to making the teaching of History more meaningful and contextualized, favoring student protagonism and the recognition of students as historical subjects. Furthermore, the experience highlighted the potential of dialogue between school, community, and spaces of memory in the construction of historical knowledge and the strengthening of local cultural identity. It is concluded that the teaching of the Balaiada, when approached from the perspective of the territory and community memories, constitutes an important instrument for civic education and the valorization of popular struggles in the history of Maranhão. As an educational product resulting from this research, a pedagogical guide was developed and is presented in the appendix. It brings together teaching guidelines, proposed activities, and methodological strategies focused on teaching local history, with the aim of supporting teaching practice and promoting more contextualized, critical, and participatory approaches in history education.

Keywords: History teaching; Local history; Balaiada; Heritage education; Nina Rodrigues, MA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa Vila da Manga.....	27
Figura 2 – Mapa em destaque a cidade de Nina Rodrigues.....	30
Figura 3 – Entrada do Museu Recanto dos Balaios.....	32
Figura 4 – Placa de inauguração do Museu Recanto dos Balaios.....	52
Figura 5 – Parte do Acervo do Museu.....	53
Figura 6 – Parte do Acervo do Museu.....	556
Figura 7 – Parte do Acervo do Museu.....	56
Figura 8 – Estudantes caminhando até o Museu.....	62
Figura 9 – Alunos, professor e gestora pedagógica.....	63
Figura 10 – Estudantes e professores caminhando até o Museu.....	65
Figura 11 – Interação dos estudantes com o acervo do Museu Recanto dos Balaios.....	66
Figura 12 - Interação dos estudantes com o acervo do Museu Recanto dos Balaios.....	66
Figura 13 – Parte do acervo do Museu.....	67
Figura 14 – Mediação docente.....	68
Figura 15 – Alunos da Escola Major Érico Gomes Braga.....	69
Figura 16 – Alunos da Escola Major Érico Gomes Braga.....	69
Figura 17 – Cartaz elaborado pelos alunos.....	70
Figura 18 – Cartaz elaborado pelos estudantes.....	70
Figura 19 – Cartaz elaborado pelos estudantes.....	71
Figura 20 – Peça teatral.....	71
Figura 21 – Apresentação teatral sobre a Balaiada.....	73
Figura 22 – Mapa do percurso da escola até o Museu.....	74
Figura 23 – Entrada da Escola Major Érico Gomes Braga.....	76

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

DCTMA – Documento Curricular do Território Maranhense para a Educação

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMESC – Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos

INSE - Indicador de Nível Socioeconômico

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MA – Maranhão

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNE – Plano Nacional de Educação

ProfHistória – Mestrado Profissional em Ensino de História

QEdu – Portal de Dados Educacionais

SEDUC – Secretaria de Estado da Educação do Maranhão

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. A REVOLTA DA BALAIADA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A CIDADE DE NINA RODRIGUES – MA	18
1.1 Contexto histórico e causas do movimento	18
1.2. A trajetória da Balaiada, seus protagonistas e sua dimensão regional.....	20
1.3. A Balaiada e a História Local de Nina Rodrigues – MA.....	27
2. HISTÓRIA LOCAL: CONCEITOS, PRÁTICAS E APLICAÇÕES NO ENSINO DA HISTÓRIA SOBRE A BALAIADA.....	35
2.1 Considerações iniciais: por que ensinar história local?	35
2.1.1 história locrimonial e história local: a Balaiada como experiência de memória, território e identidade.....	37
2.2 A Balaiada nos marcos legais da educação brasileira	40
2.2.1 Marcos legais e normativos, reformas e o lugar da história local	40
2.2.2 A Balaiada no DCTMA: orientações específicas para o Maranhão	42
2.3 Histórias negras, quilombolas e populares: por uma abordagem crítica da Balaiada nas práticas de ensino	45
3. A BALAIADA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: fortalecimento da identidade histórica e cultural dos estudantes em Nina Rodrigues – Ma e o papel do ensino da história na preservação da memória	50
3.1 Educação patrimonial, História Pública e o Museu Recanto dos Balaios	51
3.1.1 Patrimônio cultural e história pública	51
3.1.2 O Museu Recanto dos Balaios na cidade de Nina Rodrigues - Ma como experiência de história pública e participação comunitária.....	52
3.1.3 O Museu Recanto dos Balaios como acervo pedagógico interdisciplinar.....	56

3.2 O papel do professor como curador e responsável por selecionar objetos, narrativas e experiências que dialoguem com os objetivos de aprendizagem.	59
3.2.1 O professor como curador: mediação pedagógica e seleção do patrimônio.....	59
3.2.2 Curadoria pedagógica e os desafios didáticos, silenciamentos e generalizações.	60
3.3 A oficina pedagógica “A Balaiada nas trilhas da educação em Nina Rodrigues – MA”	62
3.3.1 Contextualização do projeto pedagógico	62
3.3.2 Objetivos e etapas da oficina pedagógica	65
3.3.3 A oficina pedagógica como espaço para formação da consciência histórica a partir da história local na escola Centro Educa Mais Major Érico Gomes Braga	75
4. CONCLUSÃO	80
<u>REFERÊNCIAS</u>.....	802
APÊNDICE - GUIA PEDAGÓGICO	86

INTRODUÇÃO

O ensino de História no contexto da educação básica tem sido cada vez mais desafiado a superar práticas pedagógicas centradas na memorização de conteúdos e na reprodução de narrativas históricas distantes da realidade dos estudantes. Nesse cenário, torna-se fundamental desenvolver estratégias didáticas que possibilitem uma aproximação mais significativa entre o conhecimento histórico escolar e as experiências sociais, culturais e territoriais vivenciadas pelos educandos. Entre essas possibilidades, destaca-se o trabalho com a história local, entendido como um importante recurso pedagógico capaz de promover o reconhecimento do estudante como sujeito histórico inserido em processos sociais mais amplos.

No contexto maranhense, a Balaiada constitui um episódio histórico de grande relevância para a compreensão das dinâmicas sociais, políticas e econômicas do Brasil no período regencial. Trata-se de um movimento popular ocorrido entre os anos de 1838 e 1841, marcado pela participação de diferentes grupos sociais marginalizados, como trabalhadores pobres, vaqueiros, homens livres, negros escravizados e libertos, que se mobilizaram contra as desigualdades sociais e contra a estrutura de poder vigente na província do Maranhão. Nesse sentido, a Balaiada representa um importante marco histórico das lutas populares e das resistências sociais no estado.

A cidade de Nina Rodrigues – MA ocupa um lugar central na história desse movimento, uma vez que foi no antigo povoado de Manga, atual território do município, que teve início a rebelião liderada por Raimundo Gomes, conhecido como “Cara Preta”, ao libertar companheiros submetidos ao recrutamento militar forçado. Apesar da importância histórica desse acontecimento, observa-se que o ensino da Balaiada nas escolas muitas vezes ocorre de forma superficial, limitado a breves referências nos livros didáticos e pouco articulado às memórias, aos patrimônios e às experiências históricas do próprio território.

Diante dessa realidade, emerge a necessidade de repensar as práticas de ensino de História, especialmente no que se refere à valorização da história local e à incorporação de metodologias que promovam maior participação e envolvimento dos estudantes no processo de aprendizagem. Nesse contexto, a educação patrimonial e a História Pública apresentam-se como perspectivas teóricas e metodológicas relevantes, ao proporem o diálogo entre escola,

comunidade e espaços de memória, ampliando as possibilidades de construção coletiva do conhecimento histórico.

A partir dessas reflexões, esta dissertação tem como objetivo analisar a relevância do ensino da Balaiada para o fortalecimento da identidade histórica e cultural dos estudantes da rede escolar no município de Nina Rodrigues – MA. Busca-se compreender de que forma a articulação entre história local, educação patrimonial e práticas pedagógicas participativas pode contribuir para tornar o ensino de História mais significativo, estimulando a construção da consciência histórica e o reconhecimento dos estudantes como sujeitos históricos.

Como estratégia metodológica, foi desenvolvida a oficina pedagógica intitulada “A Balaiada nas trilhas da educação em Nina Rodrigues – MA”, realizada com estudantes da escola Centro Educa Mais Major Érico Gomes Braga, localizada no município de Nina Rodrigues. A oficina foi concebida como uma proposta educativa que articulou diferentes atividades pedagógicas, entre elas aulas dialogadas sobre o contexto histórico da Balaiada, visita ao Museu Recanto dos Balaios, produção de cartazes e materiais educativos e a elaboração e apresentação de uma peça teatral sobre o movimento histórico, escrita e encenada pelos próprios estudantes.

A escolha da oficina pedagógica como estratégia didática fundamenta-se na perspectiva de metodologias ativas de ensino, que valorizam o protagonismo discente e a construção coletiva do conhecimento histórico. Nesse processo, os estudantes são convidados a interpretar o passado a partir de diferentes linguagens, fontes e experiências, estabelecendo relações entre o conteúdo estudado e as realidades sociais do território em que vivem.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa dialoga com autores que discutem o ensino de História, a história local, a educação patrimonial e a História Pública, compreendendo o ensino histórico como prática social e política voltada à formação de sujeitos críticos e conscientes de sua inserção histórica. Além disso, o trabalho considera as orientações presentes nos marcos legais da educação brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA), que enfatizam a importância da valorização da diversidade cultural e da contextualização dos conteúdos escolares.

A estrutura desta dissertação organiza-se em três capítulos principais. O primeiro capítulo apresenta uma contextualização histórica da Balaiada, abordando suas causas, protagonistas e desdobramentos, além de discutir a importância desse movimento para a história da cidade de Nina Rodrigues – MA. O segundo capítulo discute os fundamentos teóricos relacionados ao ensino de história local, à educação patrimonial e aos marcos legais que orientam o ensino de História no Brasil e no Maranhão.

Já o terceiro capítulo analisa o papel do ensino de História na preservação da memória e no fortalecimento da identidade cultural dos estudantes, apresentando a experiência da oficina pedagógica desenvolvida na escola Centro Educa Mais Major Érico e refletindo sobre seus resultados no processo de formação da consciência histórica dos estudantes.

Assim, ao investigar as possibilidades pedagógicas do ensino da Balaiada a partir da história local, esta pesquisa busca contribuir para o debate sobre práticas inovadoras no ensino de História, evidenciando o potencial do diálogo entre escola, território e memória na construção de aprendizagens mais significativas e socialmente contextualizadas.

Como resultado prático desta pesquisa, foi elaborado um produto educacional, apresentado em anexo à dissertação, intitulado *Guia pedagógico para o ensino da Balaiada por meio do percurso histórico*. O material foi concebido como um recurso didático voltado a professores da educação básica, especialmente aqueles que atuam no ensino de História no estado do Maranhão. O guia reúne orientações pedagógicas, sugestões de atividades e propostas metodológicas que articulam história local, educação patrimonial e História Pública, tendo como eixo o percurso histórico pelos lugares de memória relacionados à Balaiada no município de Nina Rodrigues – MA.

O guia pedagógico busca, portanto, ampliar as possibilidades de abordagem do tema em sala de aula, incentivando práticas de ensino que valorizem o território, o patrimônio cultural e as memórias comunitárias como fontes de aprendizagem histórica. Ao sistematizar a experiência desenvolvida na oficina pedagógica e transformá-la em material de apoio para docentes, o produto educacional pretende contribuir para o fortalecimento do ensino da Balaiada na educação básica, favorecendo abordagens mais contextualizadas, participativas e críticas sobre a história local e regional.

1. A REVOLTA DA BALAIADA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A CIDADE DE NINA RODRIGUES – MA

1.1 Contexto histórico e causas do movimento

O Maranhão do início do século XIX era profundamente marcado pela estrutura agrária desigual, pela dependência da mão de obra escravizada e pela concentração de terras nas mãos de uma elite latifundiária. A economia baseava-se principalmente no plantio e exportação de algodão, mas enfrentava uma grave crise com a queda dos preços internacionais e a concorrência com os Estados Unidos.

No período regencial, o contexto de crise econômica agravou as tensões sociais, pois as elites locais buscavam manter seus privilégios enquanto o campesinato e as populações livres pobres sofriam com a exploração e o abandono político. Nesse ambiente de insatisfação, surgiram revoltas em diferentes regiões do país, como Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul, a Cabanagem, no Pará, a Sabinada e a Revolta dos Malês, na Bahia, expressando o descontentamento das classes populares com o modelo imperial excludente. No Maranhão, a Balaiada insere-se nesse conjunto, destacando-se pela sua dimensão social e racial, já que envolveu a participação ativa de homens e mulheres negras (escravizados ou libertos), mestiços e homens pobres livres. E, “embora possamos afirmar que todas as rebeliões citadas ocorreram no curto período regencial, as motivações e os protagonistas desses movimentos apontam uma diversidade de interesses e intenções” (Branco, 2023, p. 98).

Vale destacar que o Período Regencial (1831–1840) foi um dos momentos de maior instabilidade política e social do Brasil, caracterizado pela ausência de uma autoridade central forte e pela disputa entre projetos divergentes de organização do Estado Imperial. Essa conjuntura abriu espaço para o surgimento de diversas revoltas, expressando tensões entre o poder central, as elites regionais e as camadas populares das províncias. Cadena comenta que

O período regencial (1831–1840) é conhecido na historiografia brasileira como uma época de intensa agitação política. A abdicação de D. Pedro I, em 07 de abril de 1831, iniciou uma fase de intensa disputa entre projetos políticos que discutiam como deveria ser a configuração do Império. Entre as regências trinas e unas, dezenas de revoltas tomaram o território brasileiro, pondo em risco o projeto de centralização política do Rio de Janeiro (Cadena, 2023, p. 133).

Nesse contexto, a Balaiada emergiu como resultado direto das contradições políticas e sociais desse período. A ausência de estabilidade política, a crise econômica e as desigualdades agravadas por uma sociedade baseada na escravidão e na concentração fundiária criaram o cenário propício para o levante. Por outro lado, as camadas populares sofriam com o recrutamento militar forçado, a violência das autoridades locais e a falta de acesso à terra. “Muitas fontes indicam que as arbitrariedades contra a população pobre e livre, em particular o recrutamento forçado dos homens, foram o motivo principal da rebeldia” (Assunção, 2022, p. 39). Assim, a combinação desses fatores desencadeou a Balaiada na Vila da Manga em 1838, considerada uma das maiores revoltas populares desse período, “devido à participação de sujeitos de grupos sociais diversos como alguns fazendeiros, pequenos agricultores, artesãos, vaqueiros, escravizados, alforriados mestiços e indígenas” (Duarte, 2022, p. 43).

Assunção (1998) resume o movimento da seguinte forma:

A revolta que entrou na historiografia com o nome de Balaiada, foi, sem dúvida, uma das maiores insurreições populares ocorridas durante o Brasil-Império. Mobilizou pelo menos 12.000 homens contra os governos de duas províncias, controlou extensas faixas do território nacional durante os anos 1839-40 e requereu a intervenção maciça do governo central para ser finalmente subjugada. Apesar disto, não tem recebido muita atenção por parte da historiografia e tem sido frequentemente mal interpretada. Uma das razões é sem dúvida o caráter periférico da área atingida pela revolta em relação a sociedade nacional (Assunção, 1998, p. 67).

De acordo com Abrantes e Mateus (2022), os estudos contemporâneos sobre a Balaiada têm enfatizado seu caráter de reação popular às injustiças sociais e à negação de direitos de cidadania, que caracterizavam o Maranhão e outras províncias durante o Período Regencial. O movimento, mais do que um levante político, expressou a insurgência de sujeitos subalternizados como camponeses, vaqueiros, trabalhadores livres e escravizados que resistiram à opressão e reivindicaram liberdade e o direito de existir com dignidade.

Os autores destacam que os chamados “Bem-te-vis” emergem nesse contexto como camponeses maranhenses que lutaram em defesa de suas famílias, de seus filhos e de seus ideais de justiça e liberdade, apropriando-se dos princípios liberais em circulação no período para reivindicar direitos civis e políticos. Ainda que parte desses direitos estivesse formalmente previstos na Constituição, muitos lhes eram sistematicamente negados dentro da nova ordem imperial, revelando o caráter excludente e contraditório do liberalismo no Brasil oitocentista. Sendo assim, “a Balaiada pode ser tomada como símbolo de resistência do campesinato e da resistência escrava, pois parte das forças rebeldes era formada por milhares de escravos quilombolas, a maioria deles chefiados pelo famoso negro Cosme” (Abrantes; Mateus, 2022, p. 18).

Embora a Balaiada tenha contado com ampla participação popular, Duarte (2022) analisa que o movimento também foi permeado por interesses políticos e partidários de parte das elites provinciais, que buscavam, entre outros objetivos, reverter os processos de exclusão política que marcavam o cenário maranhense da época: “assim como acontecia em nível nacional, havia disputa acirrada entre o Partido Liberal e o Partido Conservador conhecidos na província do Maranhão como “Bem-te-vis” e “Cabanos” respectivamente” (Duarte, 2022, p. 44). A autora observa ainda que essas rivalidades políticas se intensificaram quando os Cabanos, alinhados ao grupo conservador e mais próximos das estruturas de poder imperial, passaram a controlar os principais cargos administrativos e militares da província, marginalizando os liberais, os Bem-te-vis, e seus aliados locais. Tal desequilíbrio na distribuição do poder político ampliou as tensões entre as facções e contribuiu para o clima de instabilidade e insatisfação social que antecedeu a eclosão da Balaiada.

Duarte (2022) destaca ainda que, nesse contexto, parte da elite maranhense inicialmente aderiu ao movimento rebelde não apenas como expressão de apoio às causas populares, mas também como estratégia de contestação política, buscando reverter o domínio conservador e recuperar influência no cenário provincial. Assim, o movimento, que nasceu das reivindicações das camadas subalternas por justiça social e liberdade, foi progressivamente marcado também por interesses contraditórios, refletindo a complexa interação entre política, lutas sociais e resistências populares no Maranhão do século XIX.

Dessa forma, a Balaiada insere-se no contexto mais amplo das revoltas regenciais, refletindo as disputas políticas e sociais do período. Enquanto as elites lutavam pelo controle do poder e pela definição do modelo de governo imperial, os grupos populares do Maranhão, do Piauí e do Ceará transformavam a revolta em um grito de resistência contra a exclusão e a opressão, conferindo ao movimento um caráter singular dentro das rebeliões desse período.

1.2. A trajetória da Balaiada, seus protagonistas e sua dimensão regional

A Balaiada foi um movimento popular de grande relevância, que teve início na Vila da Manga, atualmente Nina Rodrigues, cidade localizada no Maranhão, se estendendo em seguida por outras regiões, pelo Piauí e Ceará.

O movimento teve como protagonistas pessoas despossuídas de terras, pobres, alforriados, vaqueiros e pessoas escravizadas, que se levantaram por melhores condições de vida. Esse movimento representa, portanto, um marco na história de luta e resistência dos

marginalizados contra as injustiças sociais, políticas e econômicas na região. O movimento teve como principais líderes Manuel Francisco dos Anjos (o Balaio), Lívio Lopes Castelo Branco, Raimundo Gomes (o Cara Preta) e Cosme Bento das Chagas (o Negro Cosme)” (Santos, 2022.)

A Balaiada teve início quando o vaqueiro Raimundo Gomes, conhecido como “Cara Preta”, liderou a invasão da cadeia da Vila da Manga, com o objetivo de libertar companheiros que haviam sido vítimas do recrutamento forçado, prática imposta às camadas mais pobres da população naquela época. Esse ato de insubordinação contra as autoridades locais desencadeou uma mobilização popular que rapidamente se espalhou por diferentes regiões do Maranhão e por localidades vizinhas, como o Piauí e o Ceará, assumindo proporções significativas.

No texto “Escritos sobre a Balaiada”, os autores Abrantes, Pereira e Mateus (2022) analisam que

Segundo a abordagem mais corrente na historiografia, esta revolta teve início em 13 de dezembro de 1838 quando um grupo de vaqueiros, liderado por Raimundo Gomes, invadiu a cadeia da Vila da Manga para libertar companheiros colocados a ferro e lançando, em seguida, um manifesto com reivindicações políticas. A partir deste episódio a revolta se alastrou envolvendo milhares de sertanejos e escravos, mas, também, a participação de segmentos das camadas médias rurais e fazendeiros liberais movidos por seus interesses específicos (Abrantes; Pereira; Mateus, 2022, p. 23).

Dessa forma, o que confere significado histórico ao episódio considerado o ponto de origem da Balaiada não é apenas o ato de Raimundo Gomes libertar os companheiros recrutados à força na cadeia da Vila da Manga, mas sobretudo a justificativa política que acompanhou essa ação. Matthias Assunção (1998) explica que Gomes ao divulgar um manifesto em que legitimava sua atitude inserindo-a na tradição liberal e revolucionária das lutas pela Independência no Maranhão e convocando a mobilização popular contra o poder conservador, atribuiu à ação um sentido mais amplo, transformando uma reação local em um movimento de contestação social e política com dimensão regional.

Segundo Assunção (2022), a revolta da Balaiada contribuiu diretamente para a ampliação da resistência escrava no Maranhão, transformando-se em uma insurreição de grande alcance liderada por Negro Cosme Bento das Chagas, conhecido como o “Defensor das Liberdades Bem-te-vis”. Esse importante líder quilombola buscou aliança com os rebeldes, em especial com Raimundo Gomes. Juntos, suas trajetórias sintetizam a dimensão popular e multifacetada da Balaiada.

No artigo “Antirracismo no Brasil Império: Raimundo Gomes e a luta pelos direitos do “Povo de Cor” na Balaiada”, Assunção destaca ainda que

A revolta dos balaios contribuiu para a generalização desta resistência escrava, que acabou se transformando numa grande insurreição, liderada por Cosme, o “Defensor

das Liberdades Bem-te-vis”. Esse líder quilombola buscou a aliança com os rebeldes, em particular Raimundo Gomes (Assunção, 2022, p. 39).

Segundo Assunção (2022), a participação de Negro Cosme confere à revolta da Balaiada um significado histórico profundo, pois transforma o movimento em um símbolo de resistência afro-maranhense. Sua atuação revela o protagonismo de sujeitos que, mesmo excluídos da cidadania formal, foram capazes de elaborar projetos políticos próprios, baseados na liberdade e na igualdade.

Além disso, os escravizados desempenharam papel decisivo no movimento, ao integrarem as forças rebeldes em busca da liberdade e do reconhecimento de sua humanidade. Parte expressiva dessas tropas era composta por escravizados fugidos e quilombolas, liderados por figuras como o Negro Cosme. Nessa perspectiva, como salientam Abrantes e Mateus (2022), a Balaiada deve ser compreendida como um símbolo de resistência camponesa e escrava, expressão de uma luta coletiva que uniu diferentes segmentos da população contra as estruturas de dominação política, econômica e racial.

De acordo com Iamashita (2022), a denominação “Balaiada” tornou-se uma representação emblemática da identidade popular associada ao movimento rebelde ocorrido no Maranhão entre 1838 e 1841. O nome da revolta é referência ao apelido de Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, o Balaio, um dos líderes da insurreição e, simboliza mais do que a simples referência a um indivíduo ao expressar a dimensão social e cultural da revolta, marcada pela participação de homens livres, pobres e trabalhadores. Iamashita (2022) ressalta ainda que o uso do nome “Balaiada” se consolidou como um símbolo de resistência e de politização das camadas populares, revelando como sujeitos marginalizados conseguiram afirmar sua presença histórica no processo de formação do Estado Liberal maranhense.

Assim, o termo, que inicialmente poderia carregar uma conotação pejorativa, foi ressignificado como um símbolo de luta e de protagonismo e organização popular, integrando-se à memória coletiva do Maranhão.

Este grupo, onde predominavam os mestiços, juntamente com escravos e proprietários e autoridades liberais agiu de forma articulada desde o começo, união fruto de uma situação geral de descontentamento com o retrocesso das conquistas liberais alcançadas após a Constituição de 1824 e o Ato Adicional (Iamashita, 2022, p. 384).

Dessa forma, conhecer a história da Balaiada e os seus personagens populares como Negro Cosme, Balaio e Raimundo Gomes, representa o reconhecimento da luta contra a escravidão e contra as opressões impostas pelas elites locais. Todavia, é sintomático ressaltar que “desde o início, a elite conservadora do Maranhão e os oficiais e administradores mandados

da Corte para reprimir a Balaiada intentaram - e em grande medida conseguiram - difamar os líderes rebeldes” (Assunção, 2022, p. 41).

Vale destacar também que, embora a Balaiada seja amplamente reconhecida como uma revolta de caráter popular, impulsionada pela insatisfação das camadas subalternas diante das desigualdades sociais e políticas, é importante considerar que o movimento também envolveu segmentos da elite local e regional. Esses grupos, ainda que motivados por razões distintas das populações pobres e escravizadas, participaram ativamente do processo rebelde, movidos por interesses políticos, disputas pelo poder e ressentimentos em relação ao controle exercido pelo governo imperial. Como observa Castelo Branco (2022),

Para além das justas reivindicações das camadas populares, historicamente abandonadas pelo poder público e só lembradas, quando da cobrança de impostos ou para o recrutamento militar, existiam, tanto no Maranhão quanto no Piauí, outras percepções e motivações, mesmo em grupos da elite, que se sentiam preteridos e excluídos do exercício do poder, em suas próprias províncias. Ao seu modo, esses membros da elite também se sentiam discriminados, vítimas do despotismo e do autoritarismo que emanava do Governo Imperial do Rio de Janeiro, ou mesmo dos governos provinciais, tanto de São Luís como de Oeiras (Castelo Branco, 2022, p. 267).

Castelo Branco (2022), no texto “Lívio Lopes Castelo Branco: um homem de elite na Rebelião da Balaiada” analisa a trajetória de Lívio Lopes, representante típico da elite rural piauiense e maranhense do século XIX, inserido em uma sociedade patriarcal, marcada por profundas desigualdades sociais e pela forte presença do clientelismo nas relações políticas. O autor explica que, como outros homens de sua classe, Lívio era um proprietário rural e chefe político local, que exercia influência social e econômica em um contexto no qual o Estado imperial se mostrava ausente da vida cotidiana, delegando às elites locais o papel de manter a ordem e atender às demandas da população por meio de arranjos privados e relações de dependência. Mesmo professando ideais liberais e demonstrando sensibilidade para as questões sociais, Lívio Lopes reproduzia práticas típicas das elites agrárias, organizando grupos armados para defender seus interesses e os de sua família, postura comum entre os grandes proprietários da época.

Dessa forma, a adesão de Lívio Lopes à Balaiada, segundo Castelo Branco (2022) ocorreu dentro de um quadro de contradições, pois embora se declarasse liberal convicto, defensor da Constituição e contrário ao despotismo dos governantes, sua participação na revolta também refletia insatisfações políticas das elites regionais, que se sentiam excluídas do poder pelas oligarquias dominantes.

Lívio, já tendo exercido alguns cargos eletivos na sua região, possivelmente

ambicionando postos mais elevados, viu no movimento rebelde da Balaiada, a possibilidade de defender suas ideias políticas, marcadas por princípios liberais, e contrárias às práticas despóticas e autoritárias que emanavam do Governo Imperial e dos poderes provinciais e, ainda de quebra, desestabilizar a Oligarquia Souza Martins e possivelmente alcançar espaços de poder político mais significativos na Província (Castelo Branco, 2022, p. 275).

A Balaiada rapidamente se expandiu por diversas regiões do Maranhão, demonstrando a força da mobilização popular nos sertões nordestinos. Em pouco tempo, milhares de pessoas se juntaram ao movimento, formando um exército popular que desafiou as tropas imperiais.

A Balaiada ultrapassou os limites do Maranhão, alcançando áreas fronteiriças do Piauí e do Ceará, o que demonstra seu caráter transfronteiriço. Essa circulação reflete a complexidade das redes sociais e econômicas do sertão nordestino do século XIX, em que trabalhadores rurais, tropeiros e vaqueiros transitavam entre províncias, compartilhando experiências de exploração e resistência.

Dessa forma, o movimento da Balaiada (1838–1841) constitui um dos episódios mais expressivos das lutas populares no Brasil do século XIX, especialmente no contexto do Maranhão, do Piauí e do Ceará. Longe de ser um levante isolado, a Balaiada integrou um quadro mais amplo de rebeliões sociais e políticas ocorridas durante o Período Regencial (1831–1840), momento de instabilidade que marcou o processo de consolidação do Estado imperial brasileiro.

A Balaiada foi a maior e a mais importante revolta popular do Maranhão, tanto pela extensão do conflito como pela migração dele resultante. Alcançou também províncias vizinhas como o Piauí e o Ceará, onde apresentou algumas características específicas tanto da composição social dos rebeldes e suas lideranças, como nas motivações da luta. Essa guerra civil mobilizou milhares de sertanejos numa grande extensão do território maranhense, com os seus principais líderes oriundos das camadas populares, utilizando táticas de guerrilhas, as quais provocavam o deslocamento contínuo dos acampamentos balaios (Abrantes, 2022, p. 75).

De acordo com Assunção (1998), a Balaiada teve início na região oriental do Maranhão, compreendida entre o oceano Atlântico ao norte, o rio Itapecuru ao leste, o rio Parnaíba ao oeste e a cidade de Caxias ao sul. Essa área constituiu o principal palco do movimento, tanto pela intensidade dos combates quanto pelo número expressivo de rebeldes e tropas legalistas envolvidos. O autor destaca que, nesse contexto, a Balaiada configurou-se essencialmente como uma guerra de resistência camponesa e de vaqueiros, que se desenvolveu paralelamente a uma insurreição de escravizados. Assunção observa ainda que a insubordinação negra antecedeu o levante, uma vez que quilombos localizados nas matas de Codó, no médio Itapecuru, já haviam se consolidado desde a década de 1830, servindo como base de organização e de resistência que posteriormente dialogaria com o movimento balaião.

No caso da Balaiada no Maranhão, Elizabeth Sousa Abrantes (2022) explica que

No caso da Balaiada no Maranhão, uma revolta popular, camponesa, em que homens e mulheres do sertão resistiam com armas aos desmandos do governo cabano e às injustiças sociais, o “exército” rebelde tinha características moldadas pela experiência vivida dos caboclos maranhenses, acostumados com as matas, os deslocamentos com certa frequência em busca de melhores condições de vida, terra para cultivo dos alimentos, habitações simples feitas com material retirado da natureza, casas de barro cobertas de palha (Abrantes, 2022, p. 99).

Embora a revolta da Balaiada tenha tido seu epicentro no Maranhão, Araújo e Silva (2022) destacam que o Piauí foi palco de importantes manifestações insurrecionais, impulsionadas pelas precárias condições de vida da população e por uma estrutura política, social e econômica profundamente desigual, consolidada desde o período das lutas pela independência. A sociedade piauiense do século XIX, segundo os autores, era fortemente marcada pela lógica patriarcal, pela grande propriedade rural, pela escravidão e por relações de clientelismo, fatores que contribuíram para o descontentamento social e para a adesão de camadas populares ao movimento balaio.

Todavia, os autores ressaltam que “a Balaiada no Piauí não teve ainda a sua dimensão e importância devidamente avaliada pela historiografia oficial brasileira, que comumente reporta a este movimento como sendo tipicamente maranhense” (Araújo; Silva, 2022, p. 446). Além disso, apesar de não ter estabelecido fronteiras entre as duas províncias, a Balaiada assumiu características específicas no Piauí, diferentes daquelas do movimento no Maranhão, pois “enquanto no Maranhão a grande maioria dos rebeldes eram oriundos das camadas mais baixas da sociedade, no Piauí, além de vaqueiros e agregados, lutaram, também, fazendeiros abastados” (Araújo; Silva, 2022, p. 449). Assim, o Piauí foi “reduto de resistência rebelde, recebeu muitos cearenses e reuniu adeptos de diferentes afiliações étnicas e sociais” (2022, p. 310).

No Ceará, segundo Costa (2022), o processo que levou parte da população do oeste do Ceará a aderir à Balaiada tem origens históricas relacionadas à crise do Antigo Regime e à difusão de novas ideias políticas europeias nos séculos XVIII e XIX. Os ideais de liberdade, soberania popular e esfera pública, difundidos no contexto liberal, provocaram transformações significativas na realidade política do Brasil imperial. No entanto, o autor enfatiza que tais mudanças não se restringiram às elites dirigentes ou à configuração do Estado nacional. Os grupos populares também se apropriaram desses conceitos, reinterpretando-os a partir de suas culturas políticas locais e dando origem a diversas revoltas e movimentos sociais que atravessaram o período da Independência. Desse modo, mais do que uma simples assimilação de ideias externas, tratou-se de um diálogo entre influências europeias e tradições políticas

populares preexistentes, que encontraram na Balaiada uma forma de expressão e de ressignificação histórica.

Costa (2022) acrescenta que os estudos sobre a Balaiada no Ceará podem oferecer contribuições valiosas à historiografia, especialmente para os campos da história militar e da história política do século XIX, uma vez que revelam a importância da atuação das populações subalternas na construção das dinâmicas imperiais. O autor argumenta que é impossível compreender a história do Brasil sem considerar as experiências vividas nos sertões provinciais, cujos dilemas internos foram decisivos para a conformação política do Império.

Índios, escravos, pretos livres e mestiços lutaram juntos e irmanados com Raimundo Gomes, o grande líder da rebelião. A mensagem do vaqueiro piauiense que iniciou o movimento rebelde no Maranhão chegou à fronteira oeste do Ceará levantando pessoas que compartilhavam das mesmas indignações. Ainda que unidos, cada um desses grupos possuía experiências e culturas políticas distintas adquiridas em suas trajetórias particulares de lutas e convívios entre si, com a Coroa portuguesa, com o Estado brasileiro e com as elites político-econômicas locais (Costa, 2022, p. 309).

Assim, a Balaiada deve ser compreendida como um movimento que uniu diferentes territórios, articulando as demandas sociais e locais com as grandes transformações do Império brasileiro. Essa perspectiva historiográfica amplia o entendimento do fenômeno, deslocando-o do âmbito puramente provincial para uma leitura abrangente e social.

A Balaiada ultrapassa o caráter de um simples levante regional, configurando-se como um movimento de resistência social de amplitude nordestina, cujos desdobramentos marcaram profundamente a história, a memória e a identidade cultural da cidade de Nina Rodrigues – MA, onde o episódio teve origem e permanece como símbolo de luta e pertencimento coletivo. Evidenciando que a Balaiada não se limitou a um evento de revolta, mas representou um processo histórico de construção de identidades sociais e culturais, sustentado pela experiência compartilhada de exclusão e resistência.

Nesse contexto, a História Regional e Local adquire relevância fundamental, pois possibilita compreender as particularidades históricas, econômicas e culturais que configuraram o movimento nos diferentes territórios. Ao atentar para as especificidades desse contexto de fronteira, a abordagem local permite reconhecer como a memória da Balaiada se inscreve nas identidades das comunidades de Nina Rodrigues, no Maranhão, e dos sertões do Piauí e do Ceará, reafirmando a importância de integrar essas experiências à narrativa nacional da história do Brasil.

1.3. A Balaiada e a História Local de Nina Rodrigues – MA

A cidade de Nina Rodrigues – MA ocupa um lugar central na trama do movimento Balaião. Foi nesse território que o levante teve início e onde ainda hoje persistem marcas materiais e simbólicas dessa história. Conforme já exposto, foi nesse cenário, marcado por desigualdades sociais e pela exclusão das camadas mais pobres, que Raimundo Gomes Vieira, deu início à rebelião ao libertar companheiros submetidos ao recrutamento militar forçado, desencadando a revolta.

De acordo com o Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos – IMESC (2013), o antigo povoado de Manga, onde teve início a Balaiada, recebeu esse nome muito antes do movimento, embora não haja consenso sobre sua origem. Há quem atribua a denominação à abundância de mangueiras na região, enquanto outras versões indicam que o termo estaria relacionado a uma “estreita passagem para gado, uma espécie de corredor com paredes de varas que conduz a um rio e que serve para guiar bois” (IMESC, 2013, p. 133).

O IMESC registra que, em 1920, o povoado passou a ser reconhecido oficialmente como Vila da Manga, tornando-se o segundo distrito de Vargem Grande - Ma. O desejo de autonomia política, motivado por um forte sentimento nativista, levou os moradores da vila a reivindicarem sua emancipação administrativa, movimento que culminou com a proposta de desmembramento de Vargem Grande em 25 de dezembro de 1961¹. Segundo relatos históricos, essa iniciativa foi impulsionada por Francisco Mascarenhas (conhecido como Cabeleira) e Raimundo Nonato (Nona), que encaminharam ao governo estadual o pedido de criação do novo município.

Figura 1 – Mapa Vila da Manga

¹ Em dezembro de 1961, após plebiscito popular, com o propósito de ouvir o desejo do povo sobre a separação de Nina Rodrigues, que pertencia administrativamente ao município de Vargem Grande. O resultado foi favorável à emancipação. O projeto inicial sob o título de “Osvaldo Cruz” foi apresentado na Assembleia Legislativa do estado com o pedido formal ao então Governador do Estado Newton de Barros Belo, tendo merecido a melhor atenção. Durante a tramitação o seu nome foi mudado para Nina Rodrigues, em homenagem a um grande médico, Raimundo Nina Rodrigues, filho da região. Após um processo surpreendentemente rápido, foi sancionada a Lei Nº 2.183 de 30 de dezembro de 1961, que criou o município. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Nina_Rodrigues_\(Maranh%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nina_Rodrigues_(Maranh%C3%A3o)).



Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Carta corográfica das províncias do Maranhão, Piauí e parte das do Pará, Goiás, Bahia, Pernambuco e Ceará. Rio de Janeiro, 1855.

A imagem apresentada acima é um mapa histórico com a localização da Vila da Manga, localizada próxima de Vargem Grande - Ma. A coloração envelhecida do papel, em tons amarelados, e a grafia antiga dos topônimos reforçam o caráter documental da imagem como registro histórico de uma época marcada por conflitos internos e disputas territoriais. O mapa histórico, elaborado em meados século XIX, no qual se observa a representação do território maranhense com destaque para a rede hidrográfica, especialmente os rios e seus afluentes, que estruturam o espaço geográfico retratado. As linhas sinuosas indicam os cursos d'água, serras, povoados e caminhos, revelando uma cartografia voltada mais para a circulação, a ocupação do território e os pontos estratégicos do que para a precisão métrica contemporânea.

O antigo povoado da Vila da Manga conquistou autonomia político-administrativa em 30 de dezembro de 1961, por meio da Lei Estadual nº 2.183/1961, quando foi elevado à categoria de município com a denominação de Nina Rodrigues, desmembrando-se do município de Vargem Grande. A instalação do novo município ocorreu em 24 de fevereiro de 1962 (IBGE, 2023).

Entre as opções “Manga do Iguará” e “Nina Rodrigues”, prevaleceu a segunda, em homenagem ao médico legista, psiquiatra e antropólogo Raimundo Nina Rodrigues, nascido em Vargem Grande em 1862 e falecido em Paris em 1906 (IMESC, 2013). Dessa forma, consolidou-se a criação do Município de Nina Rodrigues, cuja história está intrinsecamente ligada às memórias e aos acontecimentos da Balaiada, que tiveram naquele território seu ponto de partida.

A respeito de Raimundo Nina Rodrigues, personalidade que dá nome ao município, o homenageado nasceu no Maranhão, em 1862. A autora Corrêa (2006) menciona que Raimundo Nina Rodrigues era filho do coronel Francisco Solano Rodrigues, proprietário do Engenho São Roque, e de Luiza Rosa Nina Rodrigues, descendente de uma família sefardita que teria emigrado para o Brasil em fuga das perseguições aos judeus na Península Ibérica.

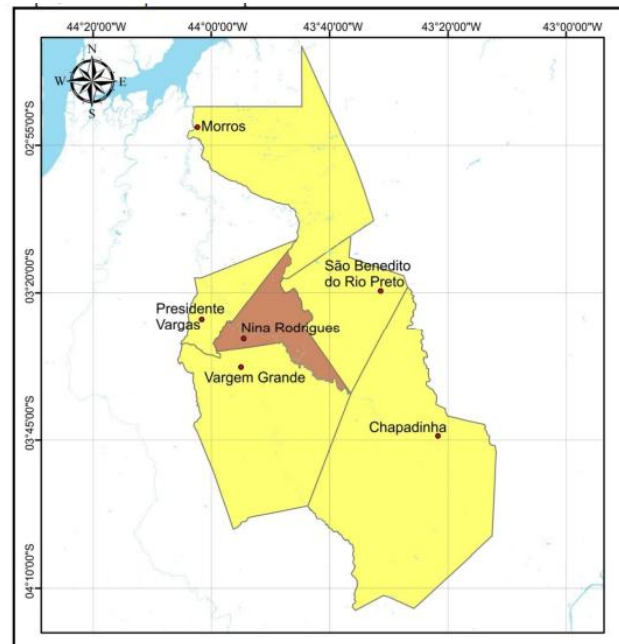
A autora observa que, embora Nina Rodrigues seja frequentemente lembrado por suas interpretações sobre a influência dos negros na formação da sociedade brasileira, alinhadas às concepções raciais predominantes no pensamento científico do final do século XIX, esse não era o tema central de sua produção acadêmica. Sua preocupação também residia no campo da saúde pública, área para a qual foi transferido em 1891, para a cadeira de Medicina Pública.

Era, em suas palavras, a “garantia da ordem social” que estava em primeiro plano em suas considerações e, nesse sentido, epidemias, prevenção e repressão ao crime, assistência aos alienados, aperfeiçoamento das leis, combate ao charlatanismo eram objeto de suas intervenções na imprensa diária e na imprensa médica, em comissões locais, na faculdade, no planejamento institucional. Era assim que ele era visto por seus colegas, em sua época – seu primeiro sucesso editorial junto a eles tendo sido, aparentemente, sua veemente defesa do ensino acadêmico. O Nina Rodrigues especialista na questão racial nasceu muitos anos depois, graças à publicação seletiva de seus trabalhos, feita por seus autoproclamados discípulos, particularmente Arthur Ramos, que, ele sim, se interessava especialmente por essa questão (Corrêa, 2006, p. 135).

Nesse sentido, a escolha do nome de Nina Rodrigues, figura importante, apesar de controversa devido ao caráter racista, expressa um processo de ressignificação identitária, no qual a figura passa a representar, simultaneamente, a trajetória intelectual individual e o patrimônio histórico e cultural de uma comunidade marcada por lutas sociais e pela preservação de sua história local. O que resulta em um processo de sobreposição de memórias entre o legado popular da Balaiada e a homenagem a um representante da elite intelectual, revelando as disputas simbólicas que atravessam a história da cidade.

Nina Rodrigues - Ma integra a mesorregião Norte Maranhense e a microrregião de Itapecuru Mirim e possui, segundo dados do IBGE de 2022, aproximadamente 14.176 habitantes. (IBGE, 2023). O município limita-se ao Norte com Presidente Vargas e Morros; ao Oeste com Presidente Vargas; ao Sul com Vargem Grande e ao Leste com Morros e São Benedito do Rio Preto. (IMESC, 2014).

Figura 2 – Mapa em destaque a cidade de Nina Rodrigues



Fonte: IBGE (2022)

O Hino da cidade de Nina Rodrigues – Ma, símbolo que representa sua identidade cultural e histórica, faz menção à Balaiada

Nina Rodrigues
 como é lindo a tua história
 Onde a Balaiada começou
 Guardada pelo morro do Nazáro
 como o velho Lázaro contou
 Do teu povo forte bravador
 Ecoou o canto tão audaz
 Pela liberdade e a justiça
 e por um momento de paz
 Salve minha terra mais amada
 Berço de um lindo esplendor
 Sempre verdejantes as tuas matas
 Que a mão de Deus abençoou
 Em Nina Rodrigues
 como é belo acordar cedo
 Ouvindo a passarada a cantar
 E teu anoitecer sobre as estrelas
 O povo na porta a conversar
 Deus abençoe a essa terra,
 onde aqui habita teu amor
 Fortaleça a fé a cada dia,
 desse povo livre sonhador.

(Disponível

em:

https://pt.wikisource.org/wiki/Hino_do_munic%C3%ADpio_de_Nina_Rodrigues).

Assim, compreender a Balaiada em Nina Rodrigues significa também reconhecer e problematizar essas tensões de memória, promovendo uma leitura crítica sobre o passado, considerando que a Balaiada incorporou à história local importantes dimensões de luta e resistência protagonizadas por populações marginalizadas.

Nesse sentido, a história local aponta pontos importantes para o território, que mais do que simples delimitação geográfica legalmente estabelecida, o local constitui-se em espaço no qual a existência se dá de forma sensível, conforme destaca Adolfo Eugenio Ferreira Baptista (2016) na sua Dissertação de Mestrado “Caixa de História Local e a Construção da Identidade dos alunos da Educação de Jovens e Adultos”, esse espaço “é onde o sujeito elabora tanto subjetivamente, quanto socialmente as informações, pressões, determinações que outras instâncias políticas, econômicas, culturais e ideológicas impõem sobre ele”. Nesse sentido

O reconhecimento da importância do local impõe às Ciências Sociais uma demanda crescente de estudos capazes de construir modelos explicativos dos mecanismos sociais que são postos em funcionamento tanto nas relações intrassociais, como na forma de relacionamento com outros locais, com a região e com o poder central, e é neste cenário que assistimos ao reaparecimento de uma história muito local (Baptista, 2016, p.37).

Assim, resgatar a história local sobre a Balaiada é também uma forma de resistência popular, pois envolve a valorização das lutas e das vozes marginalizadas que foram fundamentais na construção da história brasileira, mas que frequentemente são esquecidas ou silenciadas pelas narrativas oficiais. “Não é demais sublinhar que nas últimas décadas a memória da Balaiada tem sido silenciada pelos poderes públicos uma vez que não se verifica comemorações públicas ou construção de memoriais a respeito desta” (Abrantes; Pereira; Mateus, 2022, p. 24).

Cavalcanti (2018) destaca que a História Local possibilita a formação de identidades coletivas, o fortalecimento da memória social e o reconhecimento do papel dos sujeitos históricos invisibilizados pelas narrativas oficiais. Contudo, o autor também aponta desafios, como o risco de reduzir o estudo local a relatos memorialistas ou descritivos, sem análise crítica das fontes e dos contextos.

O município de Nina Rodrigues – MA, conta com um importante instrumento de memória em relação à Balaiada, um museu, denominado por Baltazar Melo, seu criador, como “Recanto dos Balaios”, que mesmo não sendo reconhecido formalmente como patrimônio cultural, se constitui em um Centro de Cultura, localizado na Fazenda Iguará em Nina Rodrigues – Ma, inaugurado em agosto de 2017.

O Museu “Recanto dos Balaios” é um espaço de significativa importância histórica,

cultural e ambiental. Possuindo uma posição geográfica de dupla relevância. Em primeiro lugar, encontra-se nas proximidades do encontro entre os rios Munim e Iguará, importantes cursos d'água que percorrem o município de Nina Rodrigues- Ma. Em segundo lugar, constitui-se como exemplo concreto de como indivíduos e comunidades desenvolvem estratégias singulares de preservação da memória histórica, alinhando-se aos princípios da História Pública, na medida em que promovem o acesso democrático e o diálogo entre diferentes públicos e o patrimônio histórico-cultural, como afirmam Mauad, Santhiago e Borges (2018, p.70) “o sentido do passado move as discussões públicas sobre o patrimônio salvaguardado e a memória que não se quer perder”.

Figura 3 – Entrada do Museu Recanto dos Balaíos



Fonte: Acervo pessoal

A fotografia acima registra a entrada principal do *Recanto dos Balaíos*, espaço museológico e memorial situado no município de Nina Rodrigues (MA), intimamente ligado à preservação da memória da Balaiada. A vegetação circundante, com árvores e flora nativa, evidencia a inserção do local em um ambiente rural, reforçando a conexão com o território e a paisagem natural que compõem o contexto histórico da região. A presença de uma estrada de terra batida indica a rusticidade e o caráter periférico do acesso, sugerindo os desafios de deslocamento e manutenção do local, aspectos que também dialogam com a marginalização histórica dos lugares de memória ligados a movimentos populares.

O museu, portanto, pode ser compreendido como uma construção coletiva, cuja função transcende a noção de acervo particular. Sua criação demonstra o propósito explícito de constituir-se como um espaço de aproximação da população com a “história viva”,

possibilitando experiências de imersão, interpretação e ressignificação do passado. O acervo é composto por objetos de expressivo valor histórico, muitos deles encontrados nos arredores da cidade por moradores e profissionais envolvidos na dragagem do rio Munim. Entre as peças, destacam-se moedas, botões, artefatos bélicos, cachimbos, pontas de lança, entre outros elementos que testemunham aspectos materiais e simbólicos do cotidiano em diferentes períodos históricos.

Vale frisar que “os museus funcionam como elos entre a memória e o esquecimento, o indivíduo e a sociedade, desta forma, instiga nos visitantes memórias e reações diversas, que dialogam com a sua trajetória” (Santos, 2022, p.194). Assim, o Museu Recanto dos Balaios consolida-se como instrumento de grande relevância para a história, a cultura, a ciência e a educação.

Em "Histórias do Balaio: historiografia, memória oral e as origens da Balaiada", Assunção (1998) explora as múltiplas interpretações historiográficas e a importância da memória oral na construção das narrativas sobre a Balaiada, e investiga como a Balaiada tem sido retratada ao longo do tempo, tanto pela historiografia oficial quanto pelas tradições orais locais, e questiona as diferentes perspectivas sobre suas causas, protagonistas e consequências. O autor destaca que, durante muito tempo, a revolta foi vista pela historiografia tradicional como um movimento desorganizado e liderado por "bandidos". No entanto, a memória oral das populações locais, especialmente dos descendentes dos envolvidos, oferece uma visão mais rica e complexa da Balaiada, apontando para as origens sociais do movimento e as motivações dos balaios, que incluíam camponeses, escravos, negros libertos e indígenas.

Desse modo, a memória popular e os relatos orais desempenham um papel crucial para entender a dimensão social e política da Balaiada, desafiando as narrativas elitistas que simplificam o evento como uma mera insurreição sem organização. A Balaiada, enquanto movimento de resistência popular, transcende os limites cronológicos e geográficos de sua ocorrência (1838–1841), afirmando-se como um símbolo de luta, liberdade e identidade coletiva, articulando o local, o regional e o nacional. Mais do que um episódio localizado no Maranhão, o movimento reflete as contradições sociais, raciais e políticas do Brasil oitocentista e expressa a voz de sujeitos historicamente, que se insurgiram contra as desigualdades e as formas de opressão impostas pelo sistema imperial.

No contexto de Nina Rodrigues – MA, território onde o movimento teve início, compreender as causas, os protagonistas e os significados históricos da Balaiada é essencial para a construção de uma educação histórica crítica e emancipadora, comprometida com a valorização das memórias locais e regionais. Essa abordagem possibilita não apenas o resgate

de um passado frequentemente silenciado pela historiografia tradicional, mas também a inserção de novas perspectivas de leitura sobre o processo de formação da sociedade brasileira. Além disso, conforme Martins (2010),

Ao olharem ao redor, as pessoas buscam encontrar elementos de continuidade, alguma quantidade de símbolos de permanência, certo legado do passado. Sem essas referências, tudo se torna insuportavelmente fugido, transitório, sem sentido. O lugar e a região respondem a demandas individuais e coletivas por segurança, continuidade histórica e pertencimento a algum tipo de comunidade de destino (Martins, 2010, p. 139).

Nessa perspectiva, como salientam Abrantes e Mateus (2022), “a apropriação da história do movimento da Balaiada torna-se instrumento de construção de uma identidade com as lutas populares do presente e de busca de transformação política e social, apontando uma tradição de resistência das camadas oprimidas” (Abrantes; Mateus, 2022, p. 18).

Assim, a Balaiada deve ser compreendida como um símbolo de resistência e expressão de uma luta coletiva que uniu diferentes segmentos da população contra as estruturas de dominação política, econômica e racial, revelando as múltiplas vozes e experiências que compõem o passado brasileiro.

2. HISTÓRIA LOCAL: CONCEITOS, PRÁTICAS E APLICAÇÕES NO ENSINO DA HISTÓRIA SOBRE A BALAIADA

2.1 Considerações iniciais: por que ensinar história local?

A história local constitui um campo de estudo que busca compreender as dinâmicas históricas vivenciadas por grupos, comunidades e territórios específicos, inserindo-os no contexto mais amplo da história regional e nacional. Assim, ao abordar o ensino da história local, de acordo com autores como Cavalcanti (2018), não se reduz ao estudo de fatos isolados do espaço próximo do estudante, mas configura-se como uma abordagem que valoriza as múltiplas temporalidades, as experiências de sujeitos historicamente marginalizados e a construção de identidades em nível comunitário.

A história local aponta pontos importantes para o território, que mais do que simples delimitação geográfica legalmente estabelecida, o local constitui-se no espaço no qual a existência se dá de forma sensível, conforme destaca Adolfo Eugenio Ferreira Baptista (2016) na sua Dissertação de Mestrado “Caixa de História Local e a Construção da Identidade dos alunos da Educação de Jovens e Adultos”, esse espaço “é onde o sujeito elabora tanto subjetivamente, quanto socialmente as informações, pressões, determinações que outras instâncias políticas, econômicas, culturais e ideológicas impõem sobre ele”. Nesse sentido, segundo o autor

O reconhecimento da importância do local impõe às Ciências Sociais uma demanda crescente de estudos capazes de construir modelos explicativos dos mecanismos sociais que são postos em funcionamento tanto nas relações intrassociais, como na forma de relacionamento com outros locais, com a região e com o poder central, e é neste cenário que assistimos ao reaparecimento de uma história muito local (Baptista, 2016, p.37).

Baptista (2016) ainda destaca que a adoção da História local enquanto estratégia pedagógica é uma abordagem que rompe com o modelo tradicional de ensino ao criar um ambiente que promove a confluência de saberes e o trabalho colaborativo. Essa estratégia pode concretizar-se através de pesquisas realizadas por alunos sob a coordenação do professor e como primeira consequência o surgimento de um espaço e tempo de ensino de História, onde os estudantes não apenas aprendem sobre o passado de sua comunidade, mas também desenvolvem habilidades críticas como a análise de fontes, a problematização de verdades absolutas e a capacidade de produzir conhecimento.

O autor Cavalcanti (2018) discute a complexidade conceitual do termo “local” utilizando, como ponto de partida, a conhecida reflexão de Blaise Pascal, segundo a qual

elementos aparentemente simples, como uma cidade ou um campo, revelam múltiplas camadas e detalhes à medida que nos aproximamos deles. Para o autor, essa metáfora ajuda a compreender que o “local” não é uma unidade fixa ou autoevidente, mas um campo de problematização que suscita inúmeras questões para a pesquisa histórica e para o ensino de História.

Dessa forma, Cavalcanti (2018) argumenta que definir o que é “local” depende sempre de parâmetros relacionais: local em relação a quê? Para quem? Assim, um acontecimento vivido em uma pequena vila pode ser simultaneamente circunscrito e global, especialmente quando se articula a processos econômicos ou políticos mais amplos. Desse modo, o autor destaca que temas considerados locais são, em grande medida, atravessados por dinâmicas globais, como forças econômicas, relações de poder, interesses transnacionais. O que torna impreciso estabelecer fronteiras rígidas entre o que seria uma história estritamente local e aquilo que pertence ao plano nacional ou global.

Para o autor, insistir em distinguir onde termina a história local e onde começa a “não local” é uma tarefa limitada, já que esses planos se interpenetram continuamente. Assim, pensar o local implica compreender que se trata de um espaço conceitual múltiplo, elástico e polifônico, que não pode ser aprisionado a um único significado ou escala interpretativa.

Ou seja, o local, desde a gestação de sua grafia, é um espaço conceitual polissêmico; é um lugar polifônico. No conhecido dicionário Aurélio, a palavra “local” encontra-se experimentada como sinônimo de “lugar”. De maneira mais detalhada, o primeiro significado atribuído a “local” diz respeito a um sentido “relativo a determinado lugar”. Assim, os significados de “local” estão embrionariamente ligados a uma concepção de lugar e, nessa relação, “lugar” está indissociável de espaço. Ou seja, ao falarmos de local, estamos, concomitantemente, falando de espaço (Cavalcanti, 2018, p. 275).

Nesse sentido, em vez de tentar definir rigidamente o que seria “história local”, delimitando fronteiras e estabelecendo seus contornos, o mais adequado é compreender a dimensão local da História, isto é, como os processos históricos se configuram em determinado território (Cavalcanti, 2018). De acordo com a autora Aryana Costa (2019)

História local não precisa ser somente a história da cidade ou do Estado, muitas vezes feita nos mesmos moldes de uma história nacional - ou seja, uma listagem de prefeitos/governadores ou de pessoas tidas como importantes, muitas das vezes pela sua condição social privilegiada. Para um melhor aproveitamento dos recortes possíveis, o trabalho com história local precisa da mobilização de conceitos comuns também à geografia, como os de paisagem, região, território. Eles servem como guias para a delimitação dos objetos de estudo, conferindo inteligibilidade ao tema/espaço/recorte selecionado (Costa, 2019, p. 134).

Assim, ao reconhecer o território como espaço educativo, o ensino de história local permite que estudantes compreendam os processos históricos que moldaram o lugar onde vivem, fortalecendo vínculos identitários e ampliando a percepção crítica sobre as disputas de poder, os conflitos sociais e as memórias coletivas. Nesse sentido, no município de Nina Rodrigues – MA, antiga Vila da Manga do Iguará, a história local assume papel central, especialmente por ser o território de origem da Balaiada.

Ensinar história local é fundamental pois permite compreender como os processos históricos se materializam em territórios específicos, revelando a interdependência entre o que ocorre no cotidiano das comunidades e as dinâmicas mais amplas de ordem nacional ou global. Além disso, trabalhar com história local possibilita romper com abordagens tradicionais centradas apenas em figuras importantes ou autoridades políticas, como destacam Ferreira e Oliveira (2019). Em vez de reproduzir uma narrativa elitizada, o estudo da história local mobiliza conceitos como paisagem, região e território, oferecendo ferramentas para analisar experiências diversas e valorizadas da população. Essa perspectiva democratiza o ensino de História, aproxima o conteúdo da realidade dos estudantes e fortalece vínculos identitários e de pertencimento. Ensinar história local, portanto, é uma forma de reconhecer a complexidade dos espaços vividos e promover uma educação histórica mais crítica, contextualizada e significativa.

2.1.1 história locrimonial e história local: a Balaiada como experiência de memória, território e identidade

A educação patrimonial constitui-se como um processo educativo contínuo e sistemático que toma o patrimônio cultural como eixo central da construção do conhecimento. A partir do contato direto com bens materiais e imateriais, práticas culturais, saberes e manifestações simbólicas, essa abordagem busca promover a participação ativa das pessoas no reconhecimento, na valorização e na apropriação crítica de sua herança cultural (Horta; Grunberg e Monteiro, 1999). As autoras citadas destacam que essa prática contribui para o fortalecimento da identidade, da cidadania e da autoestima das comunidades, ao mesmo tempo em que possibilita a compreensão da cultura brasileira em sua diversidade e pluralidade, por meio do diálogo entre saberes locais e institucionais.

A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (Horta; Grunderg; Monteiro, 1999, p. 7).

Tolentino (2016), ao analisar a educação patrimonial, defende que ela tenha caráter dialógico, reflexivo e crítico, comprometida com a construção democrática do conhecimento e com a transformação da realidade social. Segundo o autor “o importante é o processo dialógico e democrático dessa prática educativa, numa perspectiva freiriana, que preza pela alteridade, pelo respeito à diversidade cultural e pela participação ativa dos produtores e detentores do patrimônio como sujeitos sócio-históricos” (2016, p. 41).

Além disso, Tolentino (2016) analisa criticamente as concepções e práticas de educação patrimonial que se consolidaram no campo educacional, apontando a recorrência de falácias que reduzem o patrimônio cultural a um objeto de transmissão acrítica e normativa. Segundo o autor, tais equívocos conceituais contribuem para a reprodução de práticas instrutivistas e opressoras, desconsiderando os conflitos, as relações de poder e os processos sociais que atravessam a seleção e a valorização do patrimônio. O autor evidencia uma crítica contundente às práticas hegemônicas de educação patrimonial que, ao se concentrarem quase exclusivamente nos bens culturais oficialmente reconhecidos e tutelados pelo Estado, acabam por reproduzir uma lógica excludente e pouco reflexiva.

Na educação formal, por exemplo, é muito comum, quando se pensa em educação patrimonial, a prática de se levar os alunos ao centro histórico da cidade. Geralmente esses estudantes saem do ambiente escolar sem qualquer reflexão sobre suas próprias referências culturais, sobre o local onde moram ou sobre o entorno da escola (Tolentino, 2016, p. 43).

Assim, ao destacar a recorrência de ações educativas limitadas a visitas a centros históricos, o autor problematiza o caráter superficial dessas iniciativas, que frequentemente se restringem à contemplação e à transmissão de informações, sem promover a problematização do patrimônio como construção social. Nesse sentido, a análise do autor aponta para a necessidade de uma reorientação crítica da educação patrimonial, que rompa com abordagens normativas e impositivas e reconheça os sujeitos como protagonistas na atribuição de sentidos ao patrimônio cultural. Essa reflexão é fundamental para pensar uma educação patrimonial comprometida com a democratização da memória, com o reconhecimento da diversidade cultural e com a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na preservação e ressignificação do patrimônio.

Nessa perspectiva, de acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2014) as práticas de preservação do patrimônio cultural devem assegurar o diálogo contínuo entre instituições e sociedade e a participação ativa das comunidades responsáveis pela criação e manutenção das referências culturais, valorizando a participação dos sujeitos na construção, no reconhecimento e na preservação do patrimônio histórico a partir de suas próprias vivências e pertencimentos.

Para tanto, as políticas de preservação devem priorizar a construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes institucionais e sociais e pela participação das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais. Nesse processo, as iniciativas educativas devem ser encaradas como um recurso fundamental para a valorização da diversidade cultural e para o fortalecimento da identidade local, fazendo uso de múltiplas estratégias e situações de aprendizagem construídas coletivamente (Iphan, 2014, p. 20).

Os autores Farias Junior *et al* (2021) também dialogam com essa perspectiva na medida em que afirmam que “a educação patrimonial, ao contrário de uma postura passiva e receptiva diante dos bens culturais musealizados, valoriza a construção de conhecimentos a partir da interação com os objetos”. Essa perspectiva pressupõe, segundo os autores, a articulação entre os saberes prévios dos educandos, a compreensão dos contextos históricos em que os bens foram produzidos e as condições político-culturais que atravessam as fontes patrimoniais.

Dessa forma, no contexto da Balaiada, movimento de resistência popular ocorrido no Maranhão no século XIX, a educação patrimonial permite problematizar os processos de silenciamento e valorização seletiva da história, evidenciando as disputas em torno da memória coletiva e da construção das identidades locais. Ao valorizar essas experiências, o ensino da história local contribui para o fortalecimento do sentimento de pertencimento, da identidade cultural e da consciência histórica crítica, especialmente em territórios marcados pela presença de populações negras, quilombolas e populares.

Portanto, segundo os autores, “a Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e seus produtos e manifestações, que despertem nos alunos o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva” (Horta, Grunberg e Monteiro, 1999). Ademais, a educação patrimonial, articulada ao ensino da Balaiada, assume um papel estratégico na promoção de uma educação crítica, ao reconhecer como patrimônio as experiências de luta e resistência historicamente protagonizadas por sujeitos subalternizados.

Dessa forma, a Balaiada, compreendida como patrimônio histórico-cultural, torna-se um potente eixo articulador para o ensino de História local, contribuindo para a formação de

sujeitos críticos e conscientes de seu papel na preservação e ressignificação da memória coletiva.

2.2 A Balaiada nos marcos legais da educação brasileira

2.2.1 Marcos legais e normativos, reformas e o lugar da história local

As mudanças e reformas educacionais das últimas décadas vêm reposicionando o debate sobre como a história local deve ser trabalhada na escola, ao questionarem currículos excessivamente centralizados, conteudistas e distantes da realidade dos estudantes. A partir da Constituição Federal de 1988 e da LDB nº 9.394/1996, fortaleceu-se a compreensão de que a educação deve respeitar a diversidade cultural, regional e social do país, abrindo espaço para que a história local deixe de ser tratada como um conteúdo secundário ou meramente ilustrativo e passe a ocupar um lugar estruturante na construção do conhecimento histórico.

Nesse contexto, desde a década de 1990, os documentos orientadores da educação básica vêm destacando a importância da história local no processo formativo dos estudantes. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) introduziram o princípio da contextualização e da valorização do espaço vivido, indicando que o ensino deve partir da realidade concreta dos alunos para desenvolver competências de análise crítica.

A partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), “a história local se torna eixo temático do primeiro ciclo, incorporando a necessidade de pensar o pertencimento e a comparação com outros espaços e lugares” (Pereira, 2019, p. 43). Os PCN's defenderam a necessidade de abordar as contribuições da população negra, indígena e de outros grupos marginalizados, o que dialoga profundamente com a Balaiada, movimento amplamente composto por escravizados, vaqueiros e trabalhadores rurais. Nas décadas posteriores, novas reformas educacionais, como a elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e dos currículos estaduais, reafirmaram essa perspectiva, enfatizando o compromisso com o reconhecimento das diversidades regionais e com a valorização das memórias locais.

A Lei nº 13.005, de 2014, que institui o Plano Nacional de Educação (PNE), estabelece diretrizes que reforçam a necessidade de regimes de colaboração voltados à implementação de modalidades educacionais sensíveis aos territórios étnico-educacionais, às identidades socioculturais e às particularidades linguísticas das comunidades. Ao assegurar a consulta prévia e informada às populações envolvidas, o PNE sinaliza um compromisso com uma educação que valoriza as memórias, os saberes locais e os patrimônios culturais historicamente construídos.

§ 4º Haverá regime de colaboração específico para a implementação de modalidades de educação escolar que necessitem considerar territórios étnico-educacionais e a utilização de estratégias que levem em conta as identidades e especificidades socioculturais e linguísticas de cada comunidade envolvida, assegurada a consulta prévia e informada a essa comunidade (Brasil, 2014).

Com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), intensificou-se o debate sobre a articulação entre uma base comum e os currículos dos territórios. Embora a BNCC estabeleça competências e habilidades gerais, ela reconhece a necessidade de que os sistemas de ensino contextualizem os conteúdos, o que impulsiona estados e municípios a valorizarem suas histórias, memórias e patrimônios locais. Nesse cenário, a BNCC, documento normativo que orienta a educação básica brasileira, estabelece como um de seus princípios a valorização das identidades regionais. Ao mesmo tempo, incentiva práticas pedagógicas que aproximem o estudante de sua comunidade e de seu patrimônio histórico.

Ainda no tocante à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente no componente de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do Ensino Médio, organiza-se a partir de categorias estruturantes, como tempo e espaço; territórios e fronteiras; indivíduo, natureza, sociedade, cultura e ética; política e trabalho. Essas categorias não se configuram como conteúdos estanques, mas como eixos analíticos que orientam a investigação histórica e a construção do conhecimento escolar. Ao privilegiar essas dimensões, a BNCC cria condições para que eventos como a Balaiada sejam abordados de forma contextualizada, articulando escalas locais, regionais e nacionais, e problematizando as relações de poder que atravessam os processos históricos.

Assim, a valorização da história local insere-se nesse contexto ao reconhecer que os processos educativos devem dialogar com as condições socioculturais nos quais os sujeitos estão inseridos, compreendendo o território não apenas como espaço físico, mas como lugar de memória, identidade e disputa. Nesse sentido, o ensino da Balaiada em Nina Rodrigues – MA ganha relevância por permitir que os estudantes analisem um acontecimento histórico a partir do espaço onde ele se originou, mobilizando categorias como tempo, espaço, fronteiras e relações de poder. Ao articular o conteúdo histórico às experiências vividas no território, a escola contribui para a construção de sentidos mais significativos sobre o passado, fortalecendo o pertencimento comunitário e possibilitando uma leitura crítica das desigualdades e das lutas sociais que marcaram a formação histórica local e regional.

A BNCC, ao orientar o ensino de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio, destaca que as categorias de tempo e espaço devem ser analisadas de forma

problematizadora, articuladas a contextos históricos mais amplos e complexos. Conforme o documento

Território e fronteira são categorias que estruturam o conceito de espaço em suas diferentes dimensões, para além da noção de superfície terrestre, de país ou de nação. As relações entre sociedade e natureza em diferentes culturas, sua organização social, política e cultural, suas formas de trabalho, suas relações com outras populações e seus conflitos e negociações permitem compreender seus significados, ultrapassando o campo das evidências e caminhando para o campo das representações abstratas (Brasil, 2018, p. 550)

Assim, ao reconhecer a Balaiada como parte constitutiva da memória histórica ninense, maranhense e brasileira, o currículo escolar contribui para a formação de estudantes críticos, capazes de compreender o passado como um campo de disputas e de reconhecer a centralidade das lutas populares na construção da sociedade brasileira, dessa forma o ensino da Balaiada em Nina Rodrigues – MA possibilita o trabalho pedagógico com territórios, memórias, identidades e conflitos sociais, articulando história local, patrimônio e cidadania.

As discussões sobre a inserção da Balaiada no currículo escolar, portanto, dialogam diretamente com os marcos legais e normativos da educação brasileira, os quais, ao longo das últimas décadas, têm reconhecido a importância de considerar as especificidades históricas, culturais e territoriais nos processos educativos.

Por fim, essas transformações também tensionam concepções tradicionais de ensino de História, ao demandarem práticas pedagógicas que superem a memorização de fatos e datas e promovam a problematização do passado a partir do presente. Trabalhar a história local, nesse contexto, significa reconhecer as vozes historicamente silenciadas, compreender as disputas de memória e identidade e fortalecer o vínculo entre escola, comunidade e território. Dessa forma, as reformas educacionais contribuem para consolidar a história local como dimensão fundamental de uma educação crítica, democrática e socialmente comprometida.

2.2.2 A Balaiada no DCTMA: orientações específicas para o Maranhão

O Documento Curricular do Território Maranhense para a Educação (DCTMA), elaborado em cumprimento à Lei nº 13.415/2017, que exige que os estados adaptem seus currículos à BNCC, é um documento oficial que orienta a organização e a implementação do currículo da educação básica no estado do Maranhão, elaborado de forma colaborativa por educadores, técnicos das secretarias de educação e comunidade escolar, com base na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O DCTMA é adaptado às especificidades, pluralidade cultural e necessidades do território maranhense e parte dos princípios e habilidades definidos nacionalmente pela BNCC, ao inserir conteúdos, temas e orientações que dialogam com a cultura, a história, as características sociais e geográficas do Maranhão, reiterando a necessidade de enxergar a diversidade sociocultural que norteia a construção histórica do estado e de seu povo, “tendo-se a “maranhensidade” como eixo fundamental da construção deste currículo” (Maranhão, 2022, p. 15).

Nesse sentido, o projeto pedagógico democrático da escola, em convergência com as políticas educacionais, a incorporação nos Parâmetros Curriculares Nacionais da “pluralidade cultural” como tema transversal, em 1997, deve levar em consideração o aspecto pluricultural da sociedade brasileira, e não pode se eximir da responsabilidade de criar, de fato, condições em que a diversidade seja respeitada. A escola é um espaço sociocultural em que as diferentes presenças se encontram, e essas diferenças devem ser tratadas de maneira adequada por uma educação escolar como direito social que possibilite a inclusão de todos os tipos de diferenças dentro desse espaço (Maranhão, 2022, p. 27).

Assim, o Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA) dialoga diretamente com a valorização das potencialidades locais e das especificidades territoriais, princípio fundamental para o tratamento de temas históricos como a Balaiada. Ao estabelecer que os itinerários formativos devem considerar o perfil dos estudantes, a diversidade de interesses juvenis, a equipe docente, a infraestrutura escolar e, sobretudo, as demandas e particularidades do território, o DCTMA cria condições para que acontecimentos históricos centrais da formação maranhense sejam incorporados de maneira significativa ao currículo.

Nesse sentido, a Balaiada, enquanto movimento de resistência popular que teve início em Nina Rodrigues – MA, constitui um conteúdo historicamente relevante e pedagogicamente potente para integrar itinerários formativos voltados às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. A abordagem desse tema permite articular memória, identidade, território e patrimônio, favorecendo a construção de aprendizagens contextualizadas e conectadas à realidade dos estudantes, em consonância com a orientação do DCTMA de reconhecer o território como espaço de produção de saberes, experiências históricas e disputas sociais.

Nessa perspectiva, ao compreender o currículo como um instrumento formativo que deve dialogar com as experiências concretas dos sujeitos e com as especificidades do território em que estão inseridos, torna-se imprescindível reconhecer o papel social da escola na promoção de aprendizagens significativas, críticas e socialmente referenciadas. Ao valorizar conteúdos que emergem da história local, como a Balaiada, o currículo escolar reafirma seu compromisso com a formação cidadã e com a leitura crítica da realidade, articulando saberes

escolares e vivências sociais. É justamente nesse horizonte que se insere a compreensão de currículo defendida pelo Documento Curricular do Território Maranhense, ao enfatizar a centralidade do território, da cultura e das condições históricas e sociais do povo maranhense como fundamentos do processo educativo. conforme o DCTMA para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental:

É função social da escola, entre outras, o fomento à aprendizagens de um currículo rico, dinâmico, atual, integral e cidadão, que possibilite o desenvolvimento do estudante, para que este construa sua forma própria de interação com o mundo, sendo agente de transformação da realidade social, numa relação dialética entre suas vivências e um contexto mais amplo de conhecimentos. Cumprir essa função social, contudo, não é fácil e simples, pois há várias concepções teóricas que jogam “luzes” nesse caminho, aclarando significados, processos e indicando estratégias. No currículo para o território maranhense, as “luzes” que nos orientam apontam para a realidade do povo do Maranhão, suas características territoriais, culturais, econômicas, bem como os desafios a enfrentar para a promoção do desenvolvimento social no estado (Maranhão, 2019, p.16).

O Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA) contempla a Revolta da Balaiada no âmbito da História do Maranhão, inserindo-a no conjunto de conteúdos relativos aos conflitos sociais e políticos do período regencial. No entanto, ao adotar uma perspectiva alinhada à BNCC, o documento não prescreve abordagens fechadas, abrindo espaço para que o ensino desse episódio histórico seja aprofundado a partir das especificidades territoriais e das memórias locais, especialmente em municípios como Nina Rodrigues – MA, onde o movimento teve início. Assim, o DCTMA não apenas legitima o ensino da Balaiada, mas torna sua abordagem obrigatória no currículo da rede estadual maranhense, conforme as competências e habilidades previstas para o Ensino Fundamental e Médio.

Vale ressaltar ainda que a história local, quando articulada ao currículo escolar e às diretrizes nacionais e estaduais, torna-se ferramenta potente para a formação crítica dos estudantes. No município de Nina Rodrigues – MA, essa perspectiva ganha dimensão singular, pois o território é palco da origem da Balaiada, movimento de profundo significado para a história nacional, regional e comunitária. Nesse cenário, documentos curriculares estaduais, como o Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA), assumem papel central ao orientar que o território seja compreendido como espaço de produção de saberes, conflitos, resistências e identidades, legitimando pedagogicamente o ensino da história local.

A BNCC e o DCTMA oferecem, portanto, respaldo legal e pedagógico para que o ensino da Balaiada seja trabalhado de forma estruturada, interdisciplinar e crítica, reconhecendo o protagonismo das populações negras, pobres e quilombolas na formação do Maranhão e do Brasil. Além disso, tanto a BNCC quanto o DCTMA apontam para um modelo de ensino que

ultrapassa a mera transmissão de conteúdos e se orienta pela construção de competências que envolvem a análise crítica de fontes e narrativas; a compreensão da relação entre espaço, memória e identidade; a valorização do patrimônio histórico e; a participação ativa dos estudantes na interpretação de processos sociais.

2.3 Histórias negras, quilombolas e populares: por uma abordagem crítica da Balaiada nas práticas de ensino

Documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reafirmam a necessidade de práticas pedagógicas que promovam a pluralidade cultural, a formação cidadã e a leitura crítica da realidade social. No âmbito estadual, o Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA) aprofunda essas diretrizes ao reconhecer o território como espaço de produção de saberes, memórias e disputas sociais, legitimando a inclusão de experiências históricas negras, indígenas e quilombolas no ensino de História.

Nesse sentido, a abordagem da Balaiada nas práticas de ensino, a partir das histórias negras, quilombolas e populares, possibilita a construção de uma leitura crítica do passado que rompe com narrativas oficiais marcadas pelo silenciamento das classes subalternizadas. Enquanto movimento protagonizado por sujeitos negros, trabalhadores pobres e populações marginalizadas, a Balaiada constitui um campo fértil para problematizar as relações de poder, resistência e dominação no Brasil oitocentista.

Ao ser trabalhada de forma crítica e contextualizada, essa experiência histórica contribui para a valorização da memória coletiva, do território e das identidades locais, fortalecendo práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social, a educação antirracista e a formação de uma consciência histórica sensível às lutas populares. Como ressaltam Assunção (1998) e Duarte (2022), parte significativa das forças balaianas era composta por homens escravizados que buscavam liberdade, reorganização comunitária e justiça social.

O diálogo com pesquisas recentes no campo do Ensino de História evidencia que o trabalho com revoltas populares em escala local ou regional constitui uma estratégia potente para a construção de aprendizagens críticas. Nesse sentido, a dissertação “As representações da Cabanagem no livro didático: uso da imagética no Ensino de História”, de Edilson Santos (2018), que trata como a Cabanagem é representada nos livros didáticos, o autor analisa que as

representações visuais não são neutras, mas produzem sentidos sobre a revolta e seus protagonistas, influenciando diretamente a compreensão histórica dos estudantes.

Ao investigar as representações imagéticas da Cabanagem, Santos (2018) evidencia que as imagens nos livros didáticos atuam como narrativas visuais que reforçam ou tensionam determinadas interpretações históricas, podendo tanto invisibilizar quanto evidenciar o protagonismo popular nos movimentos de resistência do período regencial. Essa reflexão dialoga diretamente com a Balaiada, uma vez que ambos os movimentos foram protagonizados por populações marginalizadas e sofreram processos semelhantes de silenciamento ou simplificação nas narrativas escolares. Assim, a análise crítica das imagens torna-se uma ferramenta pedagógica fundamental para problematizar como as revoltas populares são apresentadas no ensino de História (Santos, 2018).

Legislações recentes como a Lei 10.639/2003 e a Lei 11.645/2008 determinam a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena. Essas legislações orientam o reconhecimento do protagonismo negro na história do Brasil; o combate ao racismo estrutural na escola; a valorização das lutas coletivas por liberdade e direitos. De acordo com Sueli Carneiro (2011)

Dentre os principais avanços está a promulgação da Lei n. 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003, que alterou a de n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, ao estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional e instituir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura africana e afro-brasileira”. Trata-se de um marco na educação brasileira, porque introduz uma forma de valorizar a participação dos afro brasileiros na história do país, e de resgatar os valores culturais africanos (Carneiro, 2011, p. 22).

Além disso, essas importantes legislações articulam-se com a BNCC e o DCTMA, na medida em que reforçam a centralidade de uma abordagem curricular crítica, contextualizada e socialmente referenciada, legitimando a inclusão de conteúdos como a Balaiada no ensino de História, não apenas como cumprimento legal, mas como estratégia pedagógica de valorização da memória, da identidade e das lutas históricas dos povos subalternizados.

Do ponto de vista histórico e social, Lélia Gonzalez (2020) analisa que, mesmo com a ampliação do acesso à educação no Brasil ao longo do século XX, a população negra permaneceu concentrada majoritariamente nos níveis iniciais de escolarização, encontrando obstáculos estruturais para alcançar o ensino médio e superior. Essa limitação educacional se reflete diretamente no mercado de trabalho, onde negros e negras ocupam, em sua maioria, posições de menor prestígio e remuneração, além de usufruírem menos dos retornos sociais e econômicos proporcionados pela educação quando comparados à população branca. A autora

evidencia que, mesmo quando possuem níveis equivalentes de escolaridade, pessoas negras continuam recebendo rendimentos inferiores, o que demonstra que a relação entre educação e renda não se estabelece de forma equitativa, sendo atravessada pela discriminação racial no mundo do trabalho.

Nesse contexto, Gonzalez (2020) identifica a discriminação ocupacional como um elemento central para compreender essas desigualdades, destacando que o racismo se manifesta tanto em práticas explícitas quanto em mecanismos institucionais aparentemente neutros. No âmbito educacional, o currículo escolar, os livros didáticos e as práticas pedagógicas reproduzem estereótipos que fragilizam a identidade racial. Como resultado, a escola atua como um aparelho ideológico que reforça o racismo estrutural, promovendo a negação da identidade negra e legitimando a falsa ideia de igualdade racial no Brasil.

Nesse contexto, a construção de uma abordagem crítica da Balaiada nas práticas de ensino exige o diálogo com os marcos normativos recentes e com autores que problematizam as bases epistemológicas do currículo, defendendo perspectivas pedagógicas decoloniais. Nesse sentido, as contribuições de Reis (2020) são fundamentais ao apontar a necessidade de inclusão e valorização de saberes historicamente marginalizados pelo pensamento eurocêntrico, em especial os saberes afro-diaspóricos e indígenas, como estratégia para o enfrentamento das desigualdades epistemológicas que estruturam o campo educacional. Ao questionar a colonialidade do saber e o predomínio de um paradigma monoepistêmico, o autor destaca que “no questionamento da colonialidade do saber e do paradigma mono-epistêmico como formas de dominação, as lentes decoloniais ajustam o foco para a diversidade de matrizes epistêmicas, para além dos marcos dicotomizantes do pensamento hegemônico” (Reis, 2020, p. 8).

Sob essa perspectiva, o ensino de História, ao incorporar experiências e narrativas de lutas populares, negras e quilombolas, amplia as possibilidades de leitura do passado e contribui para a construção de uma consciência histórica crítica. A Balaiada, enquanto movimento protagonizado por sujeitos subalternizados, insere-se nesse horizonte pedagógico ao permitir o reconhecimento de resistências populares e de projetos históricos silenciados pelas narrativas oficiais.

Os estudos decoloniais oferecem uma perspectiva analítica relevante ao pontuar a importância de novas narrativas para as histórias nacionais, especificamente dos países latinos. (Silva, 2022, p. 90). Tal abordagem dialoga diretamente com os marcos legais que orientam a inclusão da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar, bem como com políticas públicas que incentivam a valorização da história local e do território como espaços legítimos de produção de conhecimento histórico.

Assim, trabalhar a história local sobre a Balaiada implica reconhecer as múltiplas memórias que permeiam esse acontecimento e romper com narrativas hegemônicas que silenciaram a luta da população pobre e negra. Como aponta Duarte (2022), a Balaiada representa importante marco de resistência popular e expressão das desigualdades sociais e políticas do Império.

Nesse sentido, ao compreender a Balaiada como expressão de resistência coletiva forjada no contexto da exploração colonial, torna-se possível evidenciar como essas trajetórias foram marcadas por violências materiais e simbólicas, mas também por estratégias de luta e sobrevivência. Nesse sentido, dialoga-se com Carla Akotirene (2019) ao afirmar que “a diáspora negra deu suor, lágrimas e sangue ao gosto do Mar. O apagamento epistêmico ainda é o ‘sal-ário’ da experiência salgada de modo que me ancore completamente à teoria do ponto de vista feminista negro” (Akotirene, 2019, p. 26). Assim, ao incorporar essas lentes críticas, o trabalho pedagógico com a Balaiada possibilita valorizar saberes historicamente marginalizados, fortalecer identidades negras e quilombolas e promover práticas educativas comprometidas com a justiça social e a descolonização do currículo

A título de síntese, Silva coloca que “cabe a proposição de uma perspectiva pedagógica interseccional e ao mesmo tempo descolonizadora, capaz de ampliar e contemplar as particularidades incluídas nas diferenças e confrontar as desigualdades geradas a partir destas” (2022, p. 88). Ensinar a Balaiada a partir dessa perspectiva significa promover uma abordagem decolonial, que descentraliza narrativas eurocêtricas e valoriza saberes e experiências históricas produzidas por grupos subalternizados. Isso inclui compreender os quilombos como espaços de liberdade e organização social e as alianças entre vaqueiros, camponeses e pessoas negras e as redes de resistência.

No contexto de Nina Rodrigues – MA, isso adquire relevância ainda maior, pois o território conserva memórias populares sobre a presença de Cosme, Raimundo Gomes, Balaio e outros protagonistas da revolta. Portanto, o ensino da Balaiada deve contemplar não apenas sua dimensão factual, mas também o debate sobre memória social, reparação simbólica e valorização de sujeitos historicamente invisibilizados.

Ademais, conforme aponta Carneiro (2011), vale frisar que embora exista um reconhecimento formal da gravidade das desigualdades raciais no Brasil, as ações institucionais frequentemente se limitam a gestos simbólicos e discursos bem-intencionados, sem repercussão efetiva na formulação de políticas educacionais. Nesse sentido, trabalhar a Balaiada a partir das histórias negras, quilombolas e populares torna-se uma estratégia pedagógica fundamental para

romper com o silenciamento histórico e questionar as narrativas hegemônicas que invisibilizam a participação de sujeitos subalternizados nos processos de construção social.

Dessa forma, a abordagem crítica da Balaiada nas práticas de ensino articula-se diretamente com a defesa de políticas públicas voltadas à promoção da igualdade racial, conforme enfatiza Sueli Carneiro (2011) ao afirmar que “a urgência de implementação de políticas públicas de promoção da igualdade racial no Brasil decorre de um imperativo ético e moral que reconhece a indivisibilidade humana e, por conseguinte, condena toda forma de discriminação”.

Portanto, a inclusão de temas como a Balaiada no currículo escolar em Nina Rodrigues – Ma permite uma abordagem decolonial, promovendo uma história mais plural e inclusiva. Essa perspectiva desafia as versões eurocêntricas da história, permitindo que vozes subalternizadas sejam ouvidas e reconhecidas no contexto escolar. Isso contribui para a formação de uma sociedade em que os cidadãos são mais críticos e conscientes de seu papel na sociedade, além de fomentar debates sobre justiça social e a importância da luta por direito.

Além disso, uma abordagem descolonizadora é urgente, ainda que o desafio de enegrecer e despatriarcalizar o Ensino de História demonstre ser um caminho árduo (Silva, 2022, p. 95). Portanto, a abordagem crítica da Balaiada, ao evidenciar as resistências negras e populares no Maranhão oitocentista, configura-se como estratégia pedagógica fundamental para a decolonização do ensino de História e para a construção de uma educação antirracista, plural e socialmente referenciada.

3. A BALAIADA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: fortalecimento da identidade histórica e cultural dos estudantes em Nina Rodrigues – Ma e o papel do ensino da história na preservação da memória

A inserção da Balaiada no contexto da educação escolar em Nina Rodrigues–MA constitui uma estratégia pedagógica fundamental para o fortalecimento da identidade histórica e cultural dos estudantes, bem como para a preservação da memória coletiva local. Enquanto movimento social de grande relevância para a história do Maranhão e do Brasil oitocentista

Diante disso, torna-se evidente a necessidade de inovação pedagógica no ensino de História, de modo a superar práticas centradas na memorização de fatos e datas e avançar para abordagens que articulem passado e presente de forma crítica e significativa. A valorização da história local, nesse sentido, constitui uma possibilidade concreta de ressignificação do ensino histórico, pois permite aos estudantes compreenderem seu lugar no tempo e no espaço, reconhecendo-se como sujeitos históricos inseridos em processos mais amplos.

Ao trabalhar a Balaiada a partir do território de Nina Rodrigues, o ensino de História contribui para a construção de uma consciência histórica crítica, capaz de problematizar as relações de poder, as desigualdades sociais e as resistências populares que atravessam a formação da sociedade maranhense.

Além disso, práticas pedagógicas que privilegiam o protagonismo dos estudantes, como a realização de oficinas pedagógicas, visitas a espaços de memória e o diálogo com o patrimônio histórico local, favorecem aprendizagens mais contextualizadas e participativas. Nesse processo, o ensino de História assume um papel central na preservação da memória, não apenas como transmissão de informações, mas como prática educativa comprometida com a valorização das identidades locais. Medeiros (2022) destaca que o trabalho com oficinas pedagógicas possibilita a construção coletiva do conhecimento histórico, ao articular saberes docentes, narrativas locais e materiais produzidos colaborativamente, promovendo maior envolvimento dos sujeitos no processo de ensino-aprendizagem (Medeiros, 2022).

Nessa perspectiva, segundo os autores Nogueira e Rocha (2022), o processo de ensino e de diálogo voltado à construção das identidades no ambiente escolar, especialmente quando envolve, por exemplo, temáticas sociais, revela-se complexo e demanda a participação ativa e articulada de docentes e discentes. A relação estabelecida entre professor e estudante no ensino básico ultrapassa os limites formais do currículo, alcançando a dimensão identitária, ao contribuir para a formação da consciência social e para o reconhecimento do papel do sujeito no contexto em que está inserido. Nesse sentido, a memória assume lugar central na construção

das narrativas históricas, uma vez que influencia diretamente a constituição das identidades no presente. (Nogueira; Rocha, 2022).

3.1 Educação patrimonial, História Pública e o Museu Recanto dos Balaios

3.1.1 Patrimônio cultural e história pública

Em “*Todo patrimônio é uma forma de história pública?*”, texto que integra a obra “*Que História Pública Queremos?*” organizada pelos autores Mauad, Santhiago e Borges (2018), o autor Menezes (2018) propõe uma reflexão crítica sobre a relação entre patrimônio cultural e história pública, questionando se toda forma de patrimônio pode ser compreendida como uma expressão de história pública. O autor parte do entendimento de que o patrimônio cultural resulta de um processo de seleção e consagração social da memória, que envolve disputas políticas, simbólicas e identitárias. O patrimônio não é apenas algo herdado do passado, mas uma construção social que reflete valores contemporâneos sobre o que deve ser lembrado, preservado e celebrado. Nesse caso, “a memória coletiva é, enfim, o substrato fundamental dos significados atribuídos aos bens e aos valores dos grupos sociais” (Menezes, 2018, p.70).

Menezes (2018) argumenta que nem todo patrimônio é, necessariamente, uma forma de história pública, pois muitos processos de patrimonialização são realizados sem a participação efetiva das comunidades. Nesses casos, o patrimônio pode atuar como forma de silenciamento, exclusão ou homogeneização de narrativas. Contudo, o autor destaca que, quando há engajamento social, democratização do debate e reconhecimento da diversidade de memórias, o patrimônio pode sim funcionar como uma poderosa ferramenta de história pública, ao permitir que grupos historicamente marginalizados expressem suas identidades e reivindiquem reconhecimento. O autor enfatiza que

Como experiência partilhada, a ideia de patrimônio foge de um pensamento que o reduza à expressão de apenas algumas matrizes culturais elitistas que, no caso brasileiro, seriam matrizes ligadas às expressões de herança europeia. Expandiu-se em nosso meio, como de resto aconteceu em todo o mundo, a percepção de valores, lugares, fazeres, saberes, construções simbólicas, criações imaginárias e práticas cotidianas, bem como de seus caracteres identificadores de quem somos e de como historicamente nos construímos. Ampliou-se a representatividade identitária e reconheceu-se repertórios mais diversos de possibilidades patrimoniais. Abriu-se o espaço da compreensão para uma maior participação da sociedade e, com isso, enriqueceu-se a publicidade da narrativa sobre os bens patrimoniais. Nesse sentido, portanto, possibilitou-se a essa narrativa a libertação de jugos corporativos na construção do discurso (Menezes, 2018, p.72).

Menezes (2018), portanto, defende uma visão crítica e ampliada da história pública, que

ultrapasse os limites acadêmicos e promova o diálogo entre diferentes sujeitos e memórias, comprometida com a pluralidade e com a participação cidadã, e isso inclui repensar os processos de patrimonialização para que se tornem mais inclusivos e representativos. Assim, ao reconhecer o patrimônio como construção social e histórica, a educação patrimonial contribui para que estudantes compreendam que os bens culturais, materiais e imateriais, atravessados por relações de poder, disputas simbólicas e conflitos de memória.

Assim, compreendido como um conjunto de valores, objetos e símbolos transmitidos pelas gerações passadas, o patrimônio cultural constitui-se como herança histórica de uma sociedade e, em sentido mais amplo, da própria humanidade. Elementos que, em determinado contexto histórico, desempenharam funções práticas ou instrumentais passam, com o decorrer do tempo, a assumir o estatuto de documentos materiais, tornando-se fontes relevantes para a compreensão e a interpretação do passado, (Napolitano, 2010). Nesse contexto, essa transformação dos objetos em fontes históricas relaciona-se diretamente com os processos sociais de atribuição de sentido, seleção e interpretação, aspectos centrais da História Pública.

3.1.2 O Museu Recanto dos Balaios na cidade de Nina Rodrigues - Ma como experiência de história pública e participação comunitária

O museu “Recanto dos Balaios”, localizado em Nina Rodrigues – Ma, foi assim denominado por seu criador, o Sr. Baltazar Melo. Constitui-se em um Centro de Cultura, localizado na Fazenda Iguará em Nina Rodrigues – Ma, inaugurado em agosto 2017.

Figura 4 – Placa de inauguração do Museu Recanto dos Balaios



Fonte: Acervo pessoal

A fotografia acima apresenta a placa comemorativa afixada na entrada do Museu “Recanto dos Balaios”, localizado em Nina Rodrigues (MA). A peça em material metálico polido, registra a homenagem de Baltasar de Carvalho Melo a familiares, amigos e colaboradores que contribuíram para concepção e realização do museu. A placa está fixada sobre parede revestida com azulejos de padrão colonial azul e branco, remetendo ao patrimônio arquitetônico maranhense e dialogando com a estética histórica que o museu busca preservar.

Figura 5 – Parte do Acervo do Museu



Fonte: Acervo pessoal

O acervo do museu “Recanto do Balaios” é composto por objetos de expressivo valor histórico, muitos deles encontrados nos arredores da cidade por moradores e profissionais envolvidos na dragagem do rio Munim. Entre as peças, destacam-se moedas, botões, artefatos bélicos, cachimbos, pontas de lança, entre outros elementos que testemunham aspectos materiais e simbólicos do cotidiano em diferentes períodos históricos, conforme imagem acima a qual apresenta um conjunto de armamentos expostos em uma vitrine de vidro. Entre os itens identificam-se baionetas, punhais, espadas curtas e ferramentas metálicas. Ao fundo, observa-se parte de um painel ilustrado com personagens típicos da insurreição e peças decorativas esculpidas em relevo, reforçando a contextualização histórica. Esses objetos representam evidências materiais da resistência popular no Maranhão, simbolizando as estratégias de luta e a improvisação de recursos bélicos por parte dos revoltosos, em um contexto de conflito social e político.

Dessa forma, o museu pode ser compreendido como uma construção coletiva, cuja função transcende a noção de acervo particular. Sua criação demonstra o propósito explícito de constituir-se como um espaço de aproximação da população com a “história viva”, possibilitando experiências de imersão, interpretação e ressignificação do passado.

O museu é aberto ao público e serve como mecanismo importante para o reconhecimento e valorização história local da cidade, permitindo aos estudantes da rede de ensino visitas onde podem conectar-se diretamente com a herança da Balaiada. Essa interação direta reforça a identidade histórica e cultural, promovendo um sentimento de pertencimento e reconhecimento da relevância do movimento na formação de sua própria comunidade. Além disso, ao relacionar o conteúdo histórico com a realidade vivida, os alunos desenvolvem habilidades críticas para interpretar as desigualdades e lutas sociais do passado, reconhecendo seus reflexos na sociedade contemporânea.

Assim, o Museu Recanto dos Balaios consolida-se como instrumento de grande relevância para a história local. Contudo, vale destacar que sua localização afastada do centro urbano pode contribuir para a invisibilidade institucional, resultando na escassez de apoio governamental e de iniciativas privadas, o que compromete a manutenção do espaço e limita investimentos em sua ampliação e preservação.

Em se tratando de museus, Santos (2022) argumenta que

Vale frisar que os museus funcionam como elos entre a memória e o esquecimento, o indivíduo e a sociedade, desta forma, instiga nos visitantes memórias e reações diversas, que dialogam com a sua trajetória. Assim, o professor precisa situar os alunos no contexto do museu, ao leva-los para aquele cenário, é interessante que ele problematize os objetos e a narrativa presente naquele espaço. Despertando nos

alunos interesses e possibilitando que ele se perceba enquanto sujeito ativo, criando assim uma consciência histórica, ele passa então a se reconhecer como ativo e agente da história, contada ou não naquele museu. Esse é um passo para que os alunos se interessem e possam utilizar melhor no seu processo de ensino aprendizagem (Santos, 2022, p. 194).

Nesse sentido, o museu “Recanto dos Balaios” configura-se como uma experiência singular de História Pública na cidade de Nina Rodrigues, ao se constituir como espaço de produção coletiva da memória da Balaiada e das lutas populares no Maranhão. Diferentemente de museus tradicionais, sua construção não se deu a partir de iniciativas estatais ou acadêmicas isoladas, mas do engajamento direto da comunidade local, que participou ativamente da coleta, preservação e interpretação dos objetos e narrativas expostas.

Diante desse cenário, o patrimônio histórico-cultural assume relevância fundamental enquanto expressão da memória coletiva, compreendida como uma construção social compartilhada por grupos específicos. É por meio dessa memória socialmente produzida e continuamente ressignificada que se fortalecem os vínculos de pertencimento e de identidade dos sujeitos, que passam a reconhecer-se como parte integrante de uma trajetória histórica comum. (Duarte, 2022). Assim, o museu “Recanto dos Balaios”, ao valorizar e difundir essas memórias coletivas, contribui para a consolidação de identidades locais e para o reconhecimento das experiências históricas que estruturam a vida social da comunidade

Esse caráter comunitário confere ao museu uma função social ampliada, transformando-o em um lugar de História viva, no qual o passado é constantemente reinterpretado à luz das experiências e demandas do presente. Os moradores não são apenas visitantes, mas sujeitos históricos que narram, questionam e ressignificam a Balaiada como parte constitutiva de sua identidade local.

Enquanto prática de História Pública, o museu “Recanto dos Balaios” rompe com a ideia de neutralidade histórica, ao assumir um posicionamento político-pedagógico que valoriza as resistências populares e os conflitos sociais. Nesse sentido, o museu contribui para a democratização do conhecimento histórico, aproximando a História acadêmica das vivências comunitárias e do ensino escolar. Assim, o museu Recanto dos Balaios atua como espaço de diálogo intergeracional, fortalecendo a memória social e o sentimento de pertencimento coletivo.

3.1.3 O Museu Recanto dos Balaios como acervo pedagógico interdisciplinar

O acervo do Museu Recanto dos Balaios apresenta amplas possibilidades de utilização pedagógica interdisciplinar, constituindo-se como recurso didático fundamental para o ensino de História e áreas afins. Os objetos relacionados à Balaiada e às guerras internas do século XIX permitem problematizar as dinâmicas de poder, as desigualdades sociais e os conflitos que marcaram a formação do Estado brasileiro, especialmente a partir das experiências populares e regionais.

Figura 6 – Parte do Acervo do Museu



Fonte: Acervo pessoal

Esta fotografia documenta um conjunto heterogêneo de objetos históricos expostos em vitrine, incluindo moedas de diversas épocas, cédulas nacionais e estrangeiras, chaves, cadeados, correntes e utensílios metálicos como colheres e facas. A reunião desses objetos evidencia a pluralidade de elementos que compõem a memória material da Balaiada, ampliando a compreensão sobre o cotidiano, a economia e as formas de controle social na época.

Além disso, o acervo possibilita abordagens sobre a formação territorial do Maranhão, a partir da análise da circulação de mercadorias, das rotas comerciais e da navegação fluvial, fundamentais para a compreensão da economia regional. Elementos da cultura material, como armas, moedas e objetos do cotidiano, permitem discussões sobre técnicas bélicas, relações de trabalho, modos de vida e transformações tecnológicas, estabelecendo conexões com processos mais amplos.

Figura 7 – Parte do Acervo do Museu



Fonte: Acervo pessoal

Além disso, conforme imagem apresentada acima, os artefatos do museu, preservados com sinais evidentes de uso e envelhecimento, remetem ao cotidiano rural maranhense durante o século XIX. Tais objetos eram fundamentais para a locomoção, transporte de cargas e manejo do gado, atividades centrais na economia e na vida social da época. O registro permite compreender as práticas produtivas e culturais de comunidades sertanejas, que estiveram diretamente envolvidas no conflito.

Sob a perspectiva interdisciplinar, o museu estabelece diálogo com diferentes áreas do conhecimento, na medida em que o acervo do Museu Recanto dos Balaios reúne materiais que possibilitam múltiplas leituras e abordagens. Esses elementos permitem a análise de questões relacionadas ao território e à paisagem, às expressões simbólicas e estéticas da cultura local, aos conflitos sociais, às identidades e às formas de resistência, bem como às memórias e representações históricas da Balaiada. Dessa forma, o Museu Recanto dos Balaios consolida-se como um relevante acervo pedagógico, capaz de promover aprendizagens significativas, críticas e contextualizadas, ao articular os saberes escolares com os conhecimentos produzidos e preservados pela comunidade.

Além disso, segundo as autoras Horta, Grunberg e Monteiro (1999), é comum que os currículos escolares tendam a apresentar uma organização fragmentada e marcada pela concorrência entre disciplinas diante das limitações do tempo escolar e das normativas oficiais vigentes. Nesse contexto, os bens patrimoniais como monumentos, sítios e centros históricos, bem como o patrimônio natural, configuram-se como relevantes recursos educativos, na medida

em que possibilitam a superação das fronteiras disciplinares e favorecem o desenvolvimento de habilidades e abordagens temáticas significativas para a formação dos estudantes. Assim, o patrimônio pode ser mobilizado como elemento catalisador dos processos de ensino e aprendizagem, contribuindo tanto para a articulação entre diferentes componentes curriculares quanto para a integração de áreas do conhecimento tradicionalmente dissociadas.

O Museu Recanto dos Balaios, ao reunir objetos, documentos, narrativas orais e símbolos relacionados à Balaiada, configura-se como espaço privilegiado de educação patrimonial e de História Pública. Seu acervo permite a abordagem de múltiplas dimensões históricas, como as guerras internas do século XIX, a formação territorial do Maranhão, as relações sociais e raciais, bem como os modos de vida das populações populares, negras e sertanejas. Ao ser incorporado às práticas pedagógicas da escola, o museu deixa de ser apenas um espaço de visitação para assumir a função de recurso didático ativo, integrando-se ao currículo e às propostas de ensino de História.

Cristiano Nicolino (2022), aponta que através dos diálogos interdisciplinares, a história pública pode contribuir para um entendimento mais profundo das dinâmicas sociais e culturais, além de promover uma maior democratização do conhecimento histórico. Prática que pode não apenas enriquecer a historiografia, mas também promover uma maior conexão entre o passado e o presente na sociedade.

Historiadores são profissionais que investem em formação e lidam de forma específica com o conhecimento acerca do passado, porém não podem se confinar em suas próprias produções e desconsiderar as outras possibilidades de acessar e narrar histórias e memórias que constituem a consciência histórica dos sujeitos. A interdisciplinaridade pode ser uma das vias para que essa compreensão se amplie, fazendo da História Pública um caminho para o fortalecimento da democracia e da pluralidade intercultural (Nicolini, 2022, p.70).

Diante do exposto, conclui-se que o Museu Recanto dos Balaios se configura como um espaço estratégico para o ensino de História e para a promoção de práticas pedagógicas interdisciplinares, ao possibilitar a articulação entre disciplinas e temáticas diversas. O acervo do museu, composto por objetos da cultura material associados à Balaiada e às experiências populares do século XIX, amplia as possibilidades de leitura do passado ao evidenciar sujeitos, conflitos e modos de vida historicamente marginalizados pelas narrativas oficiais.

3.2 O papel do professor como curador e responsável por selecionar objetos, narrativas e experiências que dialoguem com os objetivos de aprendizagem.

3.2.1 O professor como curador: mediação pedagógica e seleção do patrimônio

No contexto contemporâneo do ensino de História, marcado pela ampliação das fontes, dos espaços educativos e das linguagens de aprendizagem, o papel do professor ultrapassa a função tradicional de transmissor de conteúdo para assumir uma atuação mediadora, reflexiva e propositiva. Nesse cenário, emerge a figura do professor como curador, responsável por selecionar, organizar e interpretar objetos, narrativas e experiências pedagógicas, articulando o conhecimento histórico escolar às memórias, aos patrimônios e às vivências do território.

A noção de curadoria pedagógica, inspirada nos debates da História Pública e da educação patrimonial, pressupõe que o ensino de História envolve escolhas intencionais e politicamente situadas. Ao assumir-se como curador, o professor reconhece seu papel ativo na construção das narrativas históricas trabalhadas em sala de aula, tensionando o livro didático e ampliando as possibilidades de leitura do passado.

Os autores Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky (2021) discutem a relevância contínua da história e dos historiadores em um contexto de crescente desinformação e manipulação do passado. Eles argumentam que, apesar dos desafios enfrentados pela história em tempos de desinformação, a disciplina mantém um papel essencial na formação crítica dos indivíduos e na preservação da memória coletiva.

Há pseudo-historiadores relativistas, que dizem que não há histórias, mas apenas versões e narrativas. Há os que, por ignorância ou malícia, alegam que qualquer um tem o direito de opinar, como se a História fosse questão de opinião, não de pesquisa, de estudo, de formação séria (Pinsky; Pinsky, 2021, p. 11).

Portanto, os autores destacam que a história é fundamental para a construção de identidades coletivas e para a compreensão das raízes dos problemas contemporâneos. Ao revisitar o passado com rigor e consciência crítica, a história pode fornecer as ferramentas necessárias para uma cidadania mais informada e engajada, capaz de resistir a tentativas de manipulação e revisionismo histórico, pois “até em nome da democracia a História chega a ser atacada” (Pinsky; Pinsky, 2021, p. 11).

Diante desse contexto, é necessário analisar o papel do professor/historiador, enquanto alguém que não apenas pesquisa e narra o passado, mas que também organiza, interpreta e dá sentido a uma vasta quantidade de experiências históricas que são socialmente distribuídas, o que o autor Valdeci Lopes de Araújo, em seu artigo “o direito à história” (Araújo, 2017) chama

de curadoria. O autor propõe que o historiador deve ser visto como um curador. Essa função curatorial implica uma responsabilidade em relação ao que é selecionado, interpretado e divulgado, reconhecendo a multiplicidade de vozes e perspectivas que compõem a experiência histórica.

Assim, a curadoria em história deve igualmente contribuir para a construção de políticas públicas que sejam eficazes na defesa do direito à história, protegendo a sociedade de usos espúrios e da privatização e mercantilização desses valores, certamente mais ameaçados do que nunca (Araújo, 2017). O autor argumenta ainda que

o ensino de história não pode ser resumido à ideia de transposição de um saber disciplinar para o espaço escolar, também a relação com a demanda e produção social de histórias não será atendida apenas pelas práticas de divulgação científica, embora elas sejam fundamentais, mas deve partir do reconhecimento dos diversos sujeitos e suas produções locais e epistemologias, surgindo daí mais a imagem de uma circulação do que a de uma difusão para auditórios cada vez mais amplos (Araújo, 2017, p. 209).

Araújo (2017) destaca que o acesso à história não pode ser monopolizado por uma elite acadêmica, mas deve ser partilhado com a sociedade, que também produz e consome narrativas históricas. Nesse sentido, o historiador precisa estar atento às dinâmicas sociais e às demandas por reconhecimento e justiça que emergem de diferentes grupos sociais, e que frequentemente são expressas através de reivindicações por memória e verdade. Ademais, “é importante que o professor trate o patrimônio como algo vivo e pulsante, que, mesmo quando se apresenta em ruínas, pode nos dizer muita coisa” (Napolitano, 2010, p.86).

3.2.2 Curadoria pedagógica e os desafios didáticos, silenciamentos e generalizações

A curadoria pedagógica implica reconhecer que as escolhas didáticas realizadas pelo professor não são neutras, mas atravessadas por valores e intencionalidades, pois o passado não existe como um conjunto neutro e pronto de fatos, mas como um repertório amplo de experiências, memórias e interpretações produzidas socialmente. A curadoria de histórias é um espaço de promoção, seleção, edição e representação de narrativas socialmente distribuídas e compartilhadas (Araújo, 2017).

No que se refere aos desafios didáticos, o autor Itamar Freitas (2019) comenta acerca do papel e dos limites do livro didático no ensino de História. Conforme discutido pelo autor, o livro didático constitui-se como um artefato central da cultura escolar, amplamente utilizado na mediação entre o conhecimento histórico produzido no campo acadêmico e os saberes escolares. No entanto, essa centralidade não implica neutralidade, uma vez que o livro didático

é atravessado por disputas teóricas, políticas, editoriais e curriculares que condicionam as narrativas históricas nele veiculadas.

Nesse sentido, a predominância de abordagens generalizantes e a recorrente invisibilização de sujeitos populares, negros e quilombolas nos manuais didáticos refletem escolhas editoriais e curriculares que tendem a privilegiar narrativas hegemônicas, frequentemente alinhadas a uma história política tradicional e a recortes espaciais amplos, em detrimento das histórias locais e das experiências subalternizadas. No caso da Balaiada, tais limites se expressam na redução do movimento a um episódio de desordem social ou revolta regional, desconsiderando suas dimensões sociais, culturais, raciais e territoriais, bem como suas reverberações na memória coletiva de municípios como Nina Rodrigues.

À luz dessa problemática, o papel do professor como curador pedagógico torna-se ainda mais relevante. Ao reconhecer o livro didático como um recurso importante, compreendido de modo crítico, não apenas como suporte informativo, mas como instrumento cultural que estrutura e influencia o processo de ensino e aprendizagem, exigindo do professor uma postura reflexiva sobre seu uso e seus limites (Freitas, 2019).

Além disso, Freitas (2019) argumenta que as limitações e fragilidades do livro didático de História no Brasil não podem ser atribuídas exclusivamente aos seus autores, pois resultam de um conjunto mais amplo de fatores estruturais, institucionais e políticos. Entre esses fatores, destacam-se a desvalorização do livro didático no meio acadêmico, que o trata como uma produção intelectual de menor prestígio, a concentração do mercado editorial em poucas grandes editoras e as restrições impostas pelos mecanismos governamentais de compra e distribuição. Ademais, a formação insuficiente de parte do corpo docente e as condições precárias de trabalho dificultam a experimentação de novas abordagens pedagógicas. O autor também critica a visão disseminada por setores conservadores e pela grande mídia, que atribuem ao livro didático um papel ideologizante. Segundo o autor

Não bastassem esses problemas, a grande mídia e setores conservadores da sociedade civil ainda veem o livro didático de história como um poderoso formador de consciências, ou seja, um disseminador de ideologia perniciosa. Enfim, consideram que os alunos são desprovidos de discernimento para avaliar tanto os conhecimentos e valores mitigados no livro didático de história quanto o discurso alarmista dessa mesma imprensa supostamente desprovida de ideologia (Freitas, 2019, p. 148).

Assim, o texto evidencia que os problemas do livro didático decorrem menos de falhas individuais e mais de um sistema educacional e social que limita sua produção, circulação e uso crítico.

Michael Pollak (1989) ao refletir sobre memória, esquecimento e silêncio, oferece importantes subsídios teóricos para a compreensão dos desafios didáticos enfrentados no ensino de História, especialmente no que se refere aos silenciamentos e às generalizações. Ao conceber a memória como um campo de disputas simbólicas e políticas, Pollak evidencia que determinadas narrativas do passado são legitimadas e institucionalizadas, enquanto outras são marginalizadas ou relegadas ao esquecimento, processo que se reflete diretamente no espaço escolar.

No âmbito da curadoria pedagógica, essas disputas de memória tornam-se visíveis quando conteúdos históricos são apresentados de forma homogênea, descontextualizada ou centrada em perspectivas hegemônicas, apagando a pluralidade de sujeitos e experiências históricas. A Balaiada, por exemplo, quando tratada apenas como uma revolta regional ou um episódio de instabilidade política, acaba por silenciar as vivências de sujeitos populares, negros e quilombolas, bem como as dimensões culturais, territoriais e identitárias do movimento. Tais silêncios não configuram simples ausências, mas, conforme assinala Pollak (1989), expressam o funcionamento do “não-dito” como estratégia social e institucional, que contribui para a manutenção de determinadas versões do passado em detrimento de outras.

Diante do exposto, torna-se evidente que a curadoria pedagógica no ensino de História assume um papel estratégico e ético na problematização das narrativas históricas veiculadas no espaço escolar. Os limites e silenciamentos presentes no âmbito do ensino da História, revelam a atuação de estruturas institucionais, políticas e simbólicas que condicionam a produção, a circulação e o uso do conhecimento histórico.

Nesse cenário, o professor é convocado a exercer uma postura crítica e reflexiva, reconhecendo o livro didático como um recurso fundamental, mas que necessita ser tensionado e complementado por outras fontes, linguagens e experiências educativas. Tal postura favorece não apenas a superação de abordagens reducionistas, mas também o fortalecimento da consciência histórica dos estudantes, promovendo o reconhecimento de suas identidades e de seu pertencimento histórico-cultural. Dessa forma, a curadoria pedagógica reafirma-se como um elemento central na ressignificação do ensino de História e na democratização das narrativas sobre o passado.

3.3 A oficina pedagógica “A Balaiada nas trilhas da educação em Nina Rodrigues – MA”

3.3.1 Contextualização do projeto pedagógico

A oficina pedagógica “*A Balaiada nas trilhas da educação em Nina Rodrigues – MA*” constituiu-se como uma ação educativa intencionalmente planejada para articular ensino de História, educação patrimonial e História Pública, tomando o território e a memória local como eixos estruturantes do processo de ensino-aprendizagem. A proposta inseriu-se no esforço de ressignificar o ensino da Balaiada, superando abordagens fragmentadas e descontextualizadas, ao valorizar o protagonismo discente e os saberes comunitários.

A oficina foi realizada durante os meses de novembro a dezembro de 2024 integrando atividades como a realização de visita ao Museu “Recanto dos Balaios”; produção e exposição de cartazes e materiais educativos sobre a Balaiada e a apresentação de uma peça teatral sobre a Balaiada, a qual foi escrita, dirigida e encenada pelos próprios alunos da escola.

Figura 8 – Estudantes caminhando até o Museu



Fonte: Acervo Pessoal

Na imagem acima, os estudantes em movimento coletivo simbolizam a transposição do espaço escolar para o território da memória. A imagem registra o momento de chegada de um grupo de estudantes ao Museu Recanto dos Balaios, evidenciando a dimensão territorial e experiencial da oficina pedagógica. Observa-se um caminho de terra cercado por vegetação nativa, que conduz até o portão de acesso ao museu, onde se lê, de forma destacada, a inscrição “Recanto dos Balaios”. A cena dialoga diretamente com a proposta da oficina ao revelar o território como espaço educativo, no qual o aprendizado histórico ocorre para além da sala de aula. O deslocamento físico dos alunos até o museu materializa a articulação entre ensino de História, educação patrimonial e História Pública, permitindo o contato direto com os lugares,

objetos e narrativas relacionados à Balaiada. A imagem expressa, ainda, o protagonismo discente e o caráter participativo da ação, uma vez que os estudantes assumem papel ativo no processo de construção do conhecimento histórico

A proposta do projeto foi mobilizar a comunidade escolar em torno da relevância histórica e cultural do dia 13 de dezembro, data oficialmente instituída como o dia da Balaiada no estado do Maranhão, pela Lei nº 10.732, de 11 de dezembro de 2017. As ações foram organizadas em quatro etapas interdependentes, cada uma com objetivos específicos, estratégias pedagógicas e recursos didáticos previamente definidos.

Assim, o projeto pedagógico, desenvolvido no Centro Educa Mais Major Érico Gomes Braga, foi composto por estudantes da rede escolar, bem como os professores e comunidade em geral com interesse em conhecer a relação da cidade de Nina Rodrigues - Ma com o movimento da Balaiada. A execução do projeto contou com a articulação prévia com a coordenação pedagógica da escola e com professores de outras áreas, favorecendo uma abordagem interdisciplinar e colaborativa. Esse diálogo institucional foi fundamental para alinhar os objetivos da oficina ao projeto político-pedagógico da escola, além de viabilizar o uso de diferentes espaços, recursos didáticos e estratégias metodológicas.

Figura 9 – Alunos, professor e gestora pedagógica



Fonte: Acervo pessoal

A fotografia acima mostra o professor realizando diálogo e orientação com os alunos sobre a entrada no museu, refletindo sobre os aspectos históricos da Balaiada. Dessa forma, a imagem evidencia um processo de ensino para além da sala de aula, no qual a aprendizagem

ocorre por meio da escuta, da observação e da interação direta com fontes históricas e narrativas locais.

3.3.2 Objetivos e etapas da oficina pedagógica

A oficina pedagógica teve como objetivo geral fortalecer a identidade histórica e cultural dos estudantes, por meio do ensino da história local de Nina Rodrigues, com ênfase na Balaiada enquanto movimento popular, negro e de resistência social. Buscou-se promover o ensino da história local de maneira mais contextualizada e participativa, proporcionando aos alunos e professores novas perspectivas sobre o passado da região de Nina Rodrigues – Ma, cidade onde começou a Balaiada.

Nesse sentido, o projeto desenvolvido foi um instrumento pedagógico que integrou elementos históricos, culturais e de memória local, com o objetivo de valorizar e fortalecer a identidade histórica e cultural dos estudantes e, ainda, promover a valorização da memória coletiva e do patrimônio histórico-cultural como elementos constitutivos da formação cidadã.

A primeira etapa da oficina foi dedicada à contextualização histórica da Balaiada e à sensibilização dos estudantes para a temática. Foram realizadas aulas expositivas dialogadas, nas quais se problematizou o contexto social, político e econômico do Maranhão no século XIX, enfatizando as condições de vida das populações populares, negras e sertanejas envolvidas no movimento.

Ao longo de três semanas, durante o mês de novembro de 2024, a primeira etapa envolveu encontros com cada turma do Ensino Médio, do Centro Educacional Major Érico, respeitando a organização dos horários escolares. Foram utilizadas diferentes estratégias e recursos didáticos, incluindo textos impressos, apresentações em slides, vídeos e aulas expositivas dialogadas. O objetivo foi estimular a participação ativa dos estudantes, incentivando questionamentos e reflexões críticas sobre as narrativas tradicionais presentes nos livros didáticos, bem como sobre a ausência da história local de Nina Rodrigues nessas abordagens.

A segunda etapa ocorreu em 7 de dezembro de 2024, durante o turno matutino, com a organização dos estudantes em três grandes grupos para uma caminhada da escola até o Museu “Recanto dos Balaios”. A atividade contou com a participação de professoras da área de Ciências Humanas e dos gestores da escola. O percurso, com duração aproximada de 30 minutos, incluiu paradas estratégicas para hidratação, registros fotográficos, explicações

docentes e observação da paisagem natural.

Figura 10 – Estudantes e professores caminhando até o Museu



Fonte: Acervo Pessoal

A imagem registra a caminhada realizada pelos estudantes e equipe de professores percorrendo um caminho de terra batida, ladeado por áreas de vegetação e por um curso d'água, o que revela a inserção da atividade no espaço rural e natural do município de Nina Rodrigues. Os estudantes seguem organizados em grupo, fardados e portando mochilas, acompanhados por professoras e gestor escolar durante a segunda etapa da oficina pedagógica, evidenciando o deslocamento coletivo da escola em direção ao Museu Recanto dos Balaios, o que reforça o caráter orientado e educativo da ação.

Durante a visita ao museu, devido aos limites estruturais do espaço, os estudantes foram reorganizados em grupos menores, possibilitando a observação detalhada do acervo, a escuta das explicações da coordenação do projeto e das orientações do responsável pelo local. Momento que foi fundamental para relacionar o conhecimento histórico obtido em sala de aula à vivência prática, promovendo pesquisa, questionamentos e reflexões sobre a Balaiada, a cidade e a identidade cultural local. Todas as observações foram registradas por meio de

fotografias, desenhos e anotações.

Figura 11 – Interação dos estudantes com o acervo do Museu Recanto dos Balaios

Figura 12 - Interação dos estudantes com o acervo do Museu Recanto dos Balaios

11.



12.



Fonte: Acervo pessoal

As fotografias acima mostram momento em que os estudantes, divididos em grupos menores, exploram o acervo do museu. A cena evidencia a valorização do patrimônio histórico-cultural e a aprendizagem significativa por meio do contato direto com os objetos e narrativas locais.

Figura 13 – Parte do acervo do Museu



Fonte: Acervo Pessoal

Sobre a composição do acervo é importante ressaltar que muitos objetos foram encontrados nos arredores da cidade, alguns por moradores e outros por profissionais que prestam serviços de dragagem no Rio Munin na extração de pedra seixo e areia para a construção civil. A arquitetura do museu traz elementos interessantes para análise. O prédio tem teto baixo sem forro, a armação do telhado é feita com peças de árvores não tratadas, o revestimento no chão e das paredes é feito de azulejos do tipo colonial, adquiridos pelo proprietário em São Luís. Além de moedas, botões, artefatos bélicos, cachimbos, pontas de lança, canhões e outras peças de artilharia, também fazem parte do acervo do museu máquinas de costura manuais, pilões e utensílios de ferro e madeira, recipientes artesanais, que representam diferentes dimensões da vida social.

Vale ressaltar que durante a segunda etapa do projeto, a mediação docente foi fundamental para orientar a leitura histórica dos materiais expostos, problematizando seus significados e articulando-os aos conteúdos trabalhados em sala de aula. A interação com o responsável pelo museu possibilitou o contato direto com narrativas comunitárias, reforçando o caráter de História viva e de produção coletiva da memória.

Figura 14 – Mediação docente



Fonte: Acervo Pessoal

A terceira etapa ocorreu ainda no dia 7 de dezembro, durante o turno vespertino, com o objetivo de sistematizar os conhecimentos construídos ao longo da visita ao museu Recanto do Balaio, os estudantes retornaram à escola para a produção de cartazes e materiais a partir das informações coletadas no museu e das aulas expositivas. Foram produzidos aproximadamente dez cartazes, dos quais cinco, selecionados por votação, foram expostos no mural escolar.

Os materiais produzidos pelos alunos foram expostos no espaço escolar, ampliando o alcance da oficina e promovendo a socialização do conhecimento com a comunidade educativa. Essa etapa reforçou o caráter colaborativo da aprendizagem e contribuiu para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e valorização da história local.

Figura 15 – Alunos da Escola Major Érico Gomes Braga

Figura 16 – Alunos da Escola Major Érico Gomes Braga

15.

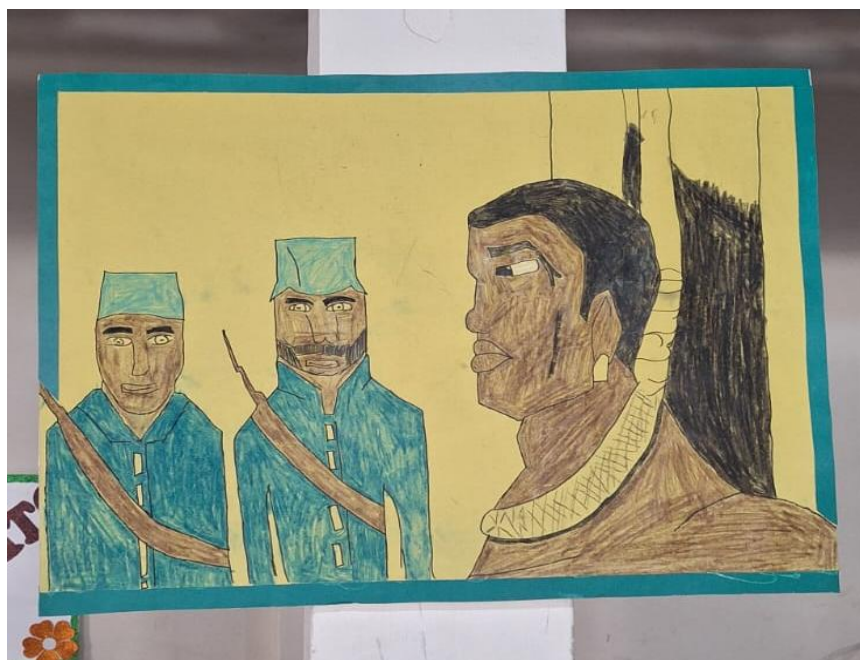
16.



Fonte: Acervo Pessoal

Captadas na sala de aula, as imagens retratam os estudantes durante a atividade prática de elaboração de cartazes sobre a Balaiada, utilizando cartolinas, canetas coloridas e outros materiais. A atividade, realizada de forma colaborativa, consolidou os conhecimentos adquiridos na visita técnica e nas aulas expositivas, culminando na seleção de trabalhos para exposição no mural escolar.

Figura 17 – Cartaz elaborado pelos alunos



Fonte: Acervo Pessoal

A imagem apresenta um dos cartazes elaborados pelos alunos durante a terceira etapa do projeto pedagógico. O desenho com dois soldados do Império e, em destaque, a figura de um homem negro com uma corda ao pescoço, remete à violência e à repressão sofrida pelos revoltosos. O destaque conferido à figura negra é interpretado como referência a Negro Cosme, ressaltando o protagonismo afro-brasileiro na Balaiada.

Figura 18 – Cartaz elaborado pelos estudantes

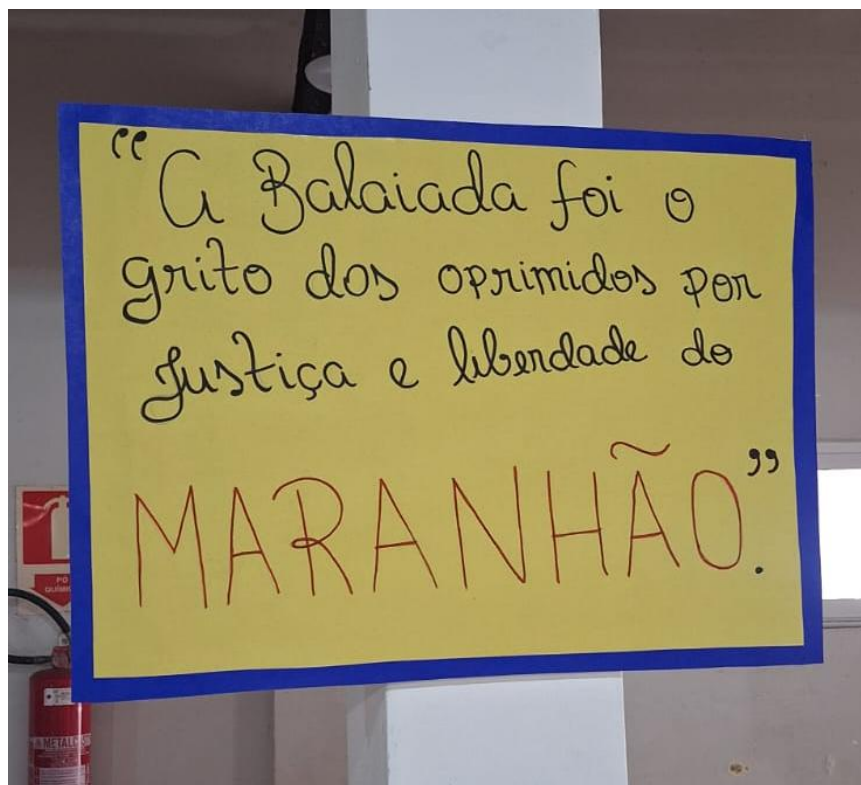


Fonte: Acervo Pessoal

Na imagem acima, observa-se a representação de três homens armados com instrumentos simples (facão, pedaço de madeira), sugerindo a precariedade dos meios de combate dos balaios em contraste com o aparato imperial. A centralidade da figura negra, com o braço erguido, simboliza força, resistência e liderança. Essa representação visual, realizada pelos estudantes através dos desenhos e pinturas, reforça a ideia da Balaiada como revolta popular heterogênea, composta por diferentes sujeitos sociais, unidos em torno de demandas por justiça, o que sugere consciência da luta como ação coletiva.

Nesse sentido, a produção dos alunos demonstra apropriação conceitual e construção de consciência histórica, pois os alunos reinterpretem o passado à luz de categorias como opressão, justiça e liberdade, aproximando o movimento do presente e de debates sociais contemporâneos.

Figura 19 – Cartaz elaborado pelos estudantes



Fonte: Acervo Pessoal

A quarta etapa consistiu na elaboração e apresentação de uma peça teatral, proposta que surgiu a partir das discussões entre os estudantes, os quais elaboraram o roteiro, definiram o elenco, confeccionaram cenário e organizaram os demais elementos necessários para a encenação. A apresentação da peça ocorreu no dia 20 de dezembro de 2024, no pátio da escola, contando com recursos sonoros, cenográficos e iluminação. O evento foi aberto a toda a comunidade escolar e foi avaliado positivamente pelo público, tanto pela qualidade artística da performance quanto pela relevância do projeto.

Figura 20 – Peça teatral



Fonte: Acervo Pessoal

Para a apresentação da peça teatral produzida e encenada pelos estudantes, o espaço escolar foi reorganizado com cadeiras dispostas nas laterais, formando uma plateia composta majoritariamente por alunos, que acompanham atentamente a atividade. Ao centro do pátio da escola, o cenário foi montado utilizando tecidos, objetos cênicos e elementos dispostos no chão que delimitam o espaço da narrativa histórica.

Na imagem acima é possível perceber a presença de estudantes atuando, de colegas na plateia e de adultos acompanhando a atividade, o que evidencia o envolvimento da comunidade escolar e o protagonismo discente no processo de construção do conhecimento histórico. A cena expressa a culminância da oficina pedagógica, articulando linguagem artística, memória histórica e ensino de História, ao transformar o pátio da escola em espaço de História Pública e de compartilhamento coletivo da experiência educativa.

A encenação possibilitou aos estudantes reinterpretarem o movimento a partir de suas próprias leituras, incorporando personagens, conflitos e narrativas construídas ao longo das etapas anteriores. A quarta etapa da oficina pedagógica evidencia, de forma concreta, o protagonismo discente na construção coletiva do conhecimento histórico.

O roteiro da encenação, elaborado pelos estudantes problematizaram as condições de extrema dificuldade vivida pela população maranhense, denunciaram a exploração dos camponeses. *“Mal conseguimos plantar, e tudo que colhemos vai para os donos das terras!”* (fala de um dos atores, o aluno Júlio Gabriel). Além disso, no roteiro de apresentação, os alunos reafirmaram o sentido político da luta popular ao declarar, por meio do personagem Negro Cosme: *“não lutamos apenas por nós, mas por todos que sofrem”*.

Ao organizarem personagens, cenas, trilha sonora, figurinos e cenários, os alunos assumiram a condução do processo criativo, exercitando autonomia intelectual e capacidade de interpretação histórica. A oficina, nesse sentido, ultrapassou a lógica transmissiva do ensino tradicional, transformando-se em espaço de autoria e apropriação ativa da memória da Balaiada.

Assim, o teatro favoreceu o protagonismo discente e a apropriação criativa do conhecimento histórico, ao permitir que os estudantes expressassem, por meio da dramatização, suas compreensões sobre a Balaiada enquanto luta popular e experiência de resistência. Essa linguagem ampliou as possibilidades de aprendizagem e contribuiu para uma abordagem sensível e crítica do passado.

Figura 21 – Apresentação teatral sobre a Balaiada



Fonte: Acervo Pessoal

A imagem registra o momento da encenação teatral da oficina pedagógica sobre a Balaiada, evidenciando a culminância do processo formativo desenvolvido ao longo do projeto. Os estudantes caracterizados de personagens históricos como camponeses, vaqueiros e revoltosos, posicionados diante de um cenário composto por tecido ao fundo, elementos rústicos (folhas de palmeira, pilão, utensílios) e objetos simbólicos dispostos no chão, que remetem ao contexto rural do Maranhão oitocentista.

A composição do espaço revelou a preocupação dos estudantes com a ambientação. A presença de objetos como o pilão e as folhas de palmeira contribuiu para a construção de uma atmosfera que remete às condições de vida das camadas populares, favorecendo a imersão histórica.

A simplicidade do cenário demonstra que a proposta pedagógica não depende de recursos sofisticados, mas de criatividade, planejamento coletivo e intencionalidade didática.

Assim, a encenação contou com figurinos, cenário, sonorização e iluminação, resultantes da organização autônoma dos próprios estudantes. O evento reuniu a comunidade escolar e simbolizou o encerramento do projeto.

3.3.3 A oficina pedagógica como espaço para formação da consciência histórica a partir da história local na escola Centro Educa Mais Major Érico Gomes Braga

O Centro Educa Mais Major Érico Gomes Braga, escola onde foi aplicada a oficina pedagógica “*A Balaiada nas trilhas da educação em Nina Rodrigues – MA*”, fica localizada a aproximadamente 1,5 km do Museu Recanto dos Balaios. De acordo com o Portal de Dados Educacionais - QEdu (2024), a escola faz parte da rede pública estadual e localiza-se na zona urbana da cidade de Nina Rodrigues, Ma.

Figura 22 – Mapa do percurso da escola até o Museu



Fonte: Google maps

No mapa, destaca-se o Centro Educa Mais Major Érico Gomes Braga, identificado por um marcador, e o percurso que o conecta ao Museu Recanto dos Balaios, representado por uma linha pontilhada. No mapa é possível visualizar o traçado urbano, áreas residenciais, equipamentos públicos e elementos naturais, como o Rio Munim.

O trajeto indicado possui extensão aproximada de 1,5 km, evidenciando a distância espacial entre a escola e o museu. O mapa também registra pontos de referência importantes da cidade, como bairros, unidades de saúde, áreas de lazer e vias de acesso, permitindo compreender a inserção da escola e do museu no tecido urbano e rural de Nina Rodrigues.

No Centro Educa Mais Major Érico, instituição de ensino de educação básica, há o funcionamento das etapas de formação de Ensino Médio e EJA (Educação para Jovens e Adultos). A classificação do Indicador de Nível Socioeconômico (INSE) de estudantes é NSE 3, nível médio baixo. Os estudantes estão entre meio e um desvio - padrão abaixo da média nacional do Inse. Considerando a maioria dos estudantes, a mãe/responsável e o pai/responsável têm o ensino fundamental incompleto ou completo e/ou ensino médio completo.

Figura 23 – Entrada da Escola Major Érico Gomes Braga



Fonte: Google Maps

Atualmente o Centro de Ensino Major Erico Gomes Braga faz parte do Programa de

Educação em Tempo Integral² e oferta o Ensino Médio em Tempo Integral, conforme Edital nº 06/2024 da Secretaria de Estado da Educação – SEDUC, do Maranhão, denominando-se Centro Educa Mais Major Erico Gomes Braga. Para além das disciplinas curriculares, a educação em tempo integral, já solidificada na rede estadual de ensino pelos Centros Educa Mais, tem oferecido a oportunidade de expandir o conhecimento. Por meio de atividades extracurriculares e complementares, os alunos que permanecem na escola, das 7h às 17h, têm aproveitado, nesse modelo educacional, a imersão e a identificação com novas áreas. (SEDUC, 2023).

A experiência da oficina no Centro Educacional Major Érico Gomes Braga, localizada no município de Nina Rodrigues–MA, revelou-se fundamental para o fortalecimento do ensino da História local e para a construção da identidade histórica e cultural dos estudantes. A etapa de visita ao Museu Recanto dos Balaíos assume papel estratégico ao possibilitar a aproximação entre os conteúdos históricos trabalhados no espaço escolar e a realidade vivida pelos educandos, ampliando as formas de acesso ao conhecimento histórico. Tal perspectiva converge com as reflexões de Martins (2022, p.149), ao destacar que o interesse pela História está diretamente “ligado à capacidade de integrar-se com o conteúdo, com o conhecimento histórico. Daí surge a necessidade de facilitar a compreensão dos conceitos históricos por meio de novos procedimentos de ensino”.

Nesse sentido, a articulação realizada através do projeto “*A Balaiada nas trilhas da educação em Nina Rodrigues – MA*” com Centro de Ensino Major Érico, revelou-se particularmente significativa, uma vez que a escola atende estudantes diretamente vinculados ao território marcado pela memória da Balaiada. A aproximação entre escola e museu, por exemplo, possibilitou a contextualização dos conteúdos históricos trabalhados em sala de aula, favorecendo a identificação dos estudantes com os processos históricos estudados e o reconhecimento do patrimônio local como parte constitutiva de sua história de vida. Tal perspectiva dialoga com as orientações do Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA), que enfatiza a valorização da história local, das identidades regionais e das experiências históricas negras e populares.

A oficina pedagógica “*A Balaiada nas trilhas da educação em Nina Rodrigues – MA*” contribuiu significativamente para a formação da consciência histórica dos estudantes, ao articular passado, presente e território de forma crítica e contextualizada. Ao valorizar a história local, o patrimônio e as memórias comunitárias, a oficina possibilitou aos estudantes reconhecerem-se como sujeitos históricos, vinculados a processos de luta, resistência e construção coletiva. Essa experiência rompeu com a visão de uma história distante e abstrata,

² O programa Escola em Tempo Integral fomenta a criação de matrículas em tempo integral (igual ou superior a 7h diárias ou 35h semanais) em todas as etapas e modalidades da educação básica. A medida proporciona a ampliação da jornada de tempo na perspectiva da educação integral e a priorização das escolas que atendem estudantes em situação de maior vulnerabilidade socioeconômica. O governo federal fornece assistência técnica e financeira considerando propostas pedagógicas alinhadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

promovendo a identificação dos educandos com a Balaiada enquanto parte constitutiva de sua identidade histórica e cultural.

Dessa forma, a oficina reafirma o potencial do ensino de História, quando articulado à educação patrimonial e à História Pública, para a formação de sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com a valorização da memória, da diversidade e da justiça social. Além disso, Medeiros (2022) destaca que as oficinas pedagógicas constituem espaços de construção coletiva do conhecimento histórico, ao promover a participação ativa e reflexiva na elaboração de estratégias didáticas integradas, as oficinas favorecem a criação de materiais colaborativos que articulam saberes docentes, práticas de ensino e experiências contextuais, ampliando as possibilidades de problematização dos conteúdos e de engajamento dos estudantes, ao mesmo tempo em que fortalecem a reflexão crítica sobre as próprias práticas pedagógicas. (Medeiros, 2022).

Assim, a oficina pedagógica “*A Balaiada nas trilhas da educação em Nina Rodrigues – MA*” constituiu-se como uma experiência formativa significativa para a construção da consciência histórica dos estudantes, na medida em que articulou o ensino da História à vivência territorial, às memórias comunitárias e ao patrimônio local.

Ao deslocar o estudo da Balaiada do livro didático para o território e para o museu comunitário, a oficina favoreceu a compreensão do passado como construção social, permeada por disputas de memória e narrativas. Esse movimento contribuiu para que os estudantes questionassem versões hegemônicas e naturalizadas da história, reconhecendo o protagonismo de sujeitos populares, historicamente silenciados.

A vivência da oficina também possibilitou o fortalecimento do sentimento de pertencimento e de identificação dos estudantes com a história local de Nina Rodrigues. Ao reconhecerem a Balaiada como parte constitutiva de seu território e de sua identidade coletiva, os educandos passaram a se perceber como herdeiros de um passado marcado por lutas, resistências e desigualdades estruturais ainda presentes no cotidiano. Essa dimensão identitária da consciência histórica é fundamental para a formação cidadã, pois contribui para a compreensão das continuidades e rupturas históricas que atravessam a realidade social contemporânea.

Além disso, o uso de linguagens diversificadas, como a produção de materiais educativos e a encenação da peça teatral, ampliou as formas de apropriação do conhecimento histórico, favorecendo aprendizagens sensíveis, criativas e reflexivas. Essas práticas reforçam a ideia de que a consciência histórica não se constrói apenas pela via cognitiva, mas também

por meio da experiência, da emoção e da interação social, conforme apontam autores do campo da História Cultural e da História Pública.

Dessa forma, a oficina pedagógica, desenvolvida no Centro de Ensino Major Érico Gomes Braga, reafirma o potencial do ensino de História, quando articulado à educação patrimonial e à História Pública, para a formação de sujeitos críticos e historicamente conscientes. Ao promover o diálogo entre escola, museu e comunidade e reconhecer o museu como acervo pedagógico interdisciplinar e o território como espaço educativo, a experiência contribuiu para uma compreensão mais ampla da Balaiada, não apenas como evento do passado, mas como referência viva para a reflexão sobre identidade, memória e justiça social no presente.

4. CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como objetivo analisar a relevância do ensino da Balaiada para o fortalecimento da identidade histórica e cultural dos estudantes da rede escolar no município de Nina Rodrigues – MA, tomando como eixo de investigação a articulação entre história local, educação patrimonial, História Pública e práticas pedagógicas no ensino de História.

Ao longo da pesquisa, buscou-se inicialmente contextualizar historicamente o movimento da Balaiada, destacando suas causas, protagonistas e desdobramentos regionais. Esse movimento, ocorrido no Maranhão durante o período regencial, revelou-se como uma importante expressão de resistência popular, protagonizada por sujeitos historicamente marginalizados, como trabalhadores pobres, vaqueiros, homens livres e populações negras, escravizadas ou libertas. A análise desse processo histórico evidenciou que a Balaiada não pode ser compreendida apenas como um episódio regional isolado, mas como parte das tensões sociais e políticas que marcaram o Brasil oitocentista.

No segundo momento da investigação, discutiu-se o papel da história local no ensino de História, destacando sua importância para a construção da consciência histórica, do sentimento de pertencimento e da valorização das identidades culturais dos estudantes. Nesse sentido, a história local foi compreendida não apenas como recorte espacial da narrativa histórica, mas como um campo de possibilidades pedagógicas capaz de aproximar os estudantes do passado e de suas próprias experiências sociais e territoriais.

A pesquisa também evidenciou a relevância da educação patrimonial e da História Pública como estratégias pedagógicas capazes de ampliar as formas de apropriação do conhecimento histórico. O diálogo com o patrimônio cultural, especialmente por meio do Museu Recanto dos Balaios, revelou-se um recurso didático significativo para a problematização da memória histórica, permitindo aos estudantes compreenderem o passado como construção social permeada por disputas de narrativas e processos de seleção da memória coletiva.

Nesse contexto, a oficina pedagógica “A Balaiada nas trilhas da Educação em Nina Rodrigues – MA” constituiu-se como uma experiência educativa central desta pesquisa. A proposta possibilitou articular diferentes estratégias pedagógicas, como aulas dialogadas, visitas ao museu, produção de materiais educativos e a encenação de uma peça teatral sobre a Balaiada. Essas atividades favoreceram o protagonismo discente e estimularam formas

diversificadas de aprendizagem, permitindo que os estudantes reinterpretassem o movimento histórico a partir de suas próprias leituras e experiências.

Os resultados da oficina indicaram que a utilização da história local como eixo pedagógico contribui significativamente para tornar o ensino de História mais significativo e contextualizado. Ao reconhecerem a Balaiada como parte constitutiva da história do território onde vivem, os estudantes passaram a perceber-se como sujeitos históricos inseridos em processos sociais mais amplos, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a valorização da memória coletiva.

Além disso, a experiência evidenciou que práticas pedagógicas que valorizam o diálogo entre escola, comunidade e espaços de memória ampliam as possibilidades de construção do conhecimento histórico. Nesse sentido, o professor assume um papel fundamental como mediador e curador de narrativas históricas, selecionando e articulando diferentes fontes, objetos e experiências que possibilitam aos estudantes desenvolver uma leitura crítica do passado.

Por fim, conclui-se que o ensino da Balaiada, quando articulado à história local, à educação patrimonial e à História Pública, constitui uma importante ferramenta pedagógica para a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua inserção histórica. Ao valorizar as lutas populares, as memórias comunitárias e os patrimônios culturais do território, o ensino de História contribui para o fortalecimento da identidade histórica e cultural dos estudantes e para a construção de uma educação comprometida com a valorização da diversidade, da memória e da justiça social.

Assim, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para o debate sobre o ensino de História no contexto maranhense, estimulando novas práticas pedagógicas que valorizem a história local como instrumento de formação cidadã e de preservação da memória coletiva.

REFERÊNCIAS (Bibliografia)

ABRANTES, Elizabeth Sousa; PEREIRA, Josenildo de Jesus; MATEUS, Yuri Givago Alhadeff Sampaio (Orgs.) **Histórias e memórias da Balaiada** – São Luís, MA: Editora UEMA; Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

_____. MATEUS, Yuri Givago Alhadeff Sampaio. **Tecendo as histórias dos Balaioes na sala de aula**: a história escolar e as possibilidades metodológicas para o ensino da Balaiada. SANTOS, Sandra Regina Rodrigues; ABRANTES, Elizabeth Sousa; MATEUS, Yuri Givago Alhadeff Sampaio. (Orgs.) **A História e seus múltiplos sentidos: reflexões sobre ensino, pesquisa e formação**. Tutóia, MA: Diálogos, 2022.

ARAÚJO, Valdei Lopes de. **O direito à história**: o (a) historiador (a) como curador (a) de uma experiência socialmente distribuída. In: GUIMARAES, Gessica; BRUNO, Leonardo; PEREZ, Rodrigo. **Conversas sobre o Brasil: ensaios de crítica histórica**. Rio de Janeiro: Autobiografia, 2017, p. 191-216.

ASSUNÇÃO, Mathias Rohrig. **De caboclos a bem-te-vis: formação do campesinato numa sociedade escravista: Maranhão, 1800-1850**. São Paulo: Annablume, 2015.

_____. **Histórias do Balaio**: historiografia, memória oral e as origens da Balaiada. *História Oral*, 1, 1998, p. 67-89.

_____. **Antirracismo no Brasil Império**: Raimundo Gomes e a luta pelos direitos do “Povo de Cor” na Balaiada. ABRANTES, Elizabeth Sousa; PEREIRA, Josenildo de Jesus; MATEUS, Yuri Givago Alhadeff Sampaio (Orgs.) **Histórias e memórias da Balaiada**. São Luís, MA: Editora UEMA; Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

BAPTISTA, Adolfo Eugenio Ferreira. **Caixa de História local e a construção da identidade dos alunos da educação de jovens e adultos**. Nova Iguaçu, RJ. 2016.

BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo. **A regência e seus movimentos de rebelião**. CHRISTILLINO, Cristiano; SCHETTINI, Vitória; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). **O que disse a imprensa sobre Brasil Imperial: fontes e propostas didáticas para a sala de aula**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Igualdade, 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Institui o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.

CADENA, Paulo Henrique Fontes. **A regência de Antônio Feijó**. CHRISTILLINO, Cristiano; SCHETTINI, Vitória; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). **O que disse a imprensa sobre Brasil Imperial: fontes e propostas didáticas para a sala de aula**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Igualdade, 2023.

CAVALCANTI, Erinaldo. **História e história local: desafios, limites e possibilidades**. *Revista História Hoje*, v. 7, nº 13, p. 272-292, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil** / Sueli Carneiro — São Paulo : Selo Negro, 2011. — (Consciência em debate/coordenadora Vera Lúcia Benedito).

CHRISTILLINO, Cristiano; SCHETTINI, Vitória; AMANTINO, Marcia. (Org.) **O que disse a imprensa sobre Brasil Imperial: fontes e propostas didáticas para a sala de aula**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Igualdade, 2023.

CORRÊA, Mariza. **Raimundo Nina Rodrigues e a garantia da ordem social**. REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 130-139, dezembro/fevereiro 2005-2006.

COSTA, Aryana. **História Local**. Dicionário de ensino de história / Coordenação: Marieta de Moraes Ferreira, Margarida Maria Dias de Oliveira. - Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

DUARTE, Rosângela de Oliveira. **Ensinar história com o museu: produzindo a Balaiada a partir do patrimônio e da memória**. Curitiba: CRV, 2022.

FARIA, Regina Helena Martins de. **Prefácio**. ABRANTES, Elizabeth Sousa; PEREIRA, Josenildo de Jesus; MATEUS, Yuri Givago Alhadeff Sampaio (Orgs.) **Histórias e memórias da Balaiada**. São Luís, MA: Editora UEMA; Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

FARIAS JUNIOR, José Petrucio et al. **Uma experiência interinstitucional no âmbito do PIBEX: a Universidade Federal do Piauí e o museu**. História, Arqueologia e Educação Museal: patrimônio e memórias / Organizado por José Petrucio de Farias Júnior, Ligia Terezinha Lopes Simonian, Ana Cristina Rocha Silva, Yuri Givago Alhadeff Sampaio Mateus.—Teresina-PI: EDUFPI, 2021. 753 p.

FREITAS, Itamar. **Livro Didático**. Dicionário de ensino de história / Coordenação: Marieta de Moraes Ferreira, Margarida Maria Dias de Oliveira. Rio de Janeiro : FGV Editora, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Org. Flávia rios e Marcia Lima. Zahar. 2020.

HORTA, Maria Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

IAMASHITA, Léa Maria Carrer. **A politização de indivíduos livres e pobres durante a construção do Estado Liberal na província maranhense, entre o início da Regência (1831) e o fim da Balaiada (1841)**. ABRANTES, Elizabeth Sousa; PEREIRA, Josenildo de Jesus; MATEUS, Yuri Givago Alhadeff Sampaio (Orgs.) **Histórias e memórias da Balaiada**. São Luís, MA: Editora UEMA; Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS. **IMESC**. Enciclopédia dos Municípios Maranhenses: microrregião geográfica do Itapecuru-Mirim. São Luís: IMESC, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE Cidades**. Brasil, Maranhão, Nina Rodrigues, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/nina-rodrigues/historico>. Acesso em: 15 de set. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE Cidades**. Brasil, Maranhão, Nina Rodrigues, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/nina-rodrigues/historico>. Acesso em: 29 de set. 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf. Acesso em: 20 de dezembro de 2025.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. **Documento curricular do território maranhense: ensino médio / Maranhão**, Secretaria de Estado da Educação. — São Luís, 2022.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. **Documento Curricular do Território Maranhense: para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental /Maranhão**. Rio de Janeiro: FGV Editora. 1ª edição – 2019.

MARTINS, Deyse Marinho. **Ensino de história do Maranhão e gamificação da Balaiada**. ABRANTES, Elizabeth Sousa; PEREIRA, Josenildo de Jesus; MATEUS, Yuri Givago Alhadeff Sampaio (Orgs.) Histórias e memórias da Balaiada. São Luís, MA: Editora UEMA; Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

MAUAD, Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade. (Orgs.) **Que história pública queremos?** São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018.

MEDEIROS, Lisiane Alonço de. **Histórias de tias profes que ~~contam~~ ensinam história: oficinas com professoras das séries iniciais sobre suas práticas no ensino de história da Guerra dos Farrapos**. Dissertação de Mestrado da PósGraduação em Ensino de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2022.

MENESES, José Newton Coelho. **Todo patrimônio é uma história pública?**. MAUAD, Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade. (Orgs.) Que história pública queremos? São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018.

NAPOLITANO, Marcos. **CULTURA**. PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). Novos temas nas aulas de história. 1 ed., São Paulo: Contexto, 2010.

NOGUEIRA, Alisson G. S.; ROCHA, Natália Cunha. **A raça como centro - experiência dialógica entre o professor e a estudante**. SANTOS, Sandra Regina Rodrigues; ABRANTES, Elizabeth Sousa; MATEUS, Yuri Givago Alhadeff Sampaio. (Orgs.) A História e seus múltiplos sentidos: reflexões sobre ensino, pesquisa e formação. Tutóia, MA: Diálogos, 2022.

PEREIRA, Nilton Mullet. **Círculos Concêntricos**. Dicionário de ensino de história / Coordenação: Marieta de Moraes Ferreira, Margarida Maria Dias de Oliveira. - Rio de Janeiro : FGV Editora, 2019. 248 p.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. **A história contra-ataca**. In: Novos Combates pela História. São Paulo: Contexto, 2021, p. 9-21.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**: Estudos Históricos. v. 2, n. 3. P. 3-15. 1989. Tradução de Dora Rocha Flauman. Rio de Janeiro, 1989.

SANTOS, Edilson Silva dos. **As representações da cabanagem no livro didático**: uso da imagética no ensino de história. Dissertação de Mestrado da Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade federal do Tocantis (UFT). Araguaína – TO, 2018.

SANTOS, Reinilda de Oliveira. **Um olhar sobre o memorial da Balaiada de Caxias/MA**: refletindo sobre o museu enquanto ferramenta metodológica para o ensino de História. ABRANTES, Elizabeth Sousa; PEREIRA, Josenildo de Jesus; MATEUS, Yuri Givago Alhadef Sampaio (Orgs.) Histórias e memórias da Balaiada. São Luís, MA: Editora UEMA; Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

SILVA, Luiz C R. **A História e seus múltiplos sentidos**: reflexões sobre ensino, pesquisa e formação / Organizadores Sandra Regina Rodrigues dos Santos, Elizabeth Sousa Abrantes, Yuri Givago Alhadef Sampaio Mateus. – Tutóia, MA: Diálogos, 2022

SILVEIRA, Jader Luis da. (Org.) **História e memória**: pelos caminhos do tempo. Vol. 2. Formiga (MG): Editora Ópera, 2024. 87 p.

SOUZA, Maria Antonia de Sousa. Educação no campo: desafio para as escolas públicas. In: WIZNIEWSKY, Carmen Rejane Flores; MOURAD, Leonice Aparecida de Fátima Alves. (orgs). **Educação, memória e resistência popular na formação social da América Latina**. Porto Alegre : Evangraf, 2016.

TOLENTINO, Átila Bezerra. **O que não é educação patrimonial**: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática. Educação patrimonial [recurso eletrônico]: políticas, relações de poder e ações afirmativas / organização, Átila Bezerra Tolentino, Emanuel Oliveira Braga. – Dados eletrônicos – João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016. – (Caderno Temático; 5).

Vila da Manga, Nina Rodrigues, MA. (2024) **Inauguração do museu “O Recanto dos Balaies”**. Página do Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/viladamanganinarodrigues/?locale=pt_BR. Acesso em: 2 de out. de 2024.

APÊNDICE

Guia Pedagógico

JORGE FOURNIER

GUIA PEDAGÓGICO

**GUIA PEDAGÓGICO DIDÁTICO PARA O ENSINO DA
BALAIADA POR MEIO DO PERCURSO HISTÓRICO-
GEOGRÁFICO ENTRE A ESCOLA MAJOR ÉRICO GOMES
BRAGA, O MORRO DO NAZÁRIO E O MUSEU
RECANTO DOS BALAIOS**



2026

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO GERAL	04
---------------------------	-----------

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	05
---	-----------

1.1 Por que estudar História Local?	06
--	-----------

1.2 A Balaiada como patrimônio histórico vivo	06
--	-----------

1.3 O Museu Recanto dos Balaios	07
--	-----------

1.4 A Geografia como chave interpretativa	10
--	-----------

1.5 BNCC - Competências relacionadas	11
---	-----------

CAPÍTULO 2

ORIENTAÇÕES LOGÍSTICAS E DE SEGURANÇA	15
--	-----------

2.1 Formação da equipe escolar	15
---------------------------------------	-----------

2.2 Materiais obrigatórios	15
-----------------------------------	-----------

2.3 Cuidados de segurança indispensáveis	16
---	-----------

2.4 Contato com o Museu recanto dos Balaios	16
--	-----------

CAPÍTULO 3	
DESCRIÇÃO DETALHADA DO PERCURSO (1,98 KM)	17
3.1 Ponto de partida: Escola Major Érico Gomes Braga ou o centro da cidade de Nina Rodrigues (Ma)	17
3.2 Caminho até a frente do Morro do Nazário	18
3.3 Caminho até a ponte sobre o encontro dos rios Munim e Iguará	19
3.4 Parada 2: a ponte e o encontro das águas	19
3.5 Caminho final até o Museu Recanto dos Balaíos	19
3.6 Chegada ao Museu Recanto dos Balaíos	20
CAPÍTULO 4	
ROTEIRO DIDÁTICO COMPLETO	21
4.1 Antes da aula de campo	21
4.2 Durante a aula	21
4.3 Depois da aula	21
CAPÍTULO 5	
Anexos	22
CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	30

APRESENTAÇÃO GERAL

Este guia pedagógico foi desenvolvido a partir de uma prática real de campo realizada com estudantes do município de Nina Rodrigues – MA, integrando História, Geografia e Patrimônio Cultural.

A proposta consiste em orientar professores da Educação Básica a utilizar o território como recurso didático fundamental, permitindo que os alunos vivenciem uma imersão histórica diretamente nos espaços onde a Balaiada aconteceu.

A caminhada de 1,98 km entre a Escola Major Érico Gomes Braga, o Morro do Nazário e o Museu Recanto dos Balaios torna-se uma trilha interpretativa capaz de:

- desenvolver habilidades investigativas;
- aproximar o estudante da própria história;
- estimular o pertencimento e a valorização da comunidade;
- promover aprendizagem significativa.

Este guia foi elaborado para que qualquer professor — de História, Geografia ou áreas afins — consiga executar todo o percurso de forma segura, planejada e pedagógica, mesmo que nunca tenha trabalhado com a temática anteriormente.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A história local constitui um campo de estudo que busca compreender as dinâmicas históricas vivenciadas por grupos, comunidades e territórios específicos, inserindo-os no contexto mais amplo da história regional e nacional. Assim, ao abordar o ensino da história local, de acordo com Cavalcanti (2018), não se reduz ao estudo de fatos isolados do espaço próximo do estudante, mas configura-se como uma abordagem que valoriza as múltiplas temporalidades, as experiências de sujeitos historicamente marginalizados e a construção de identidades em nível comunitário.

Conforme aponta Duarte (2022), a Balaiada representa importante marco de resistência popular e expressão das desigualdades sociais e políticas do Império. Dessa forma, ao trabalhar a Balaiada a partir do território de Nina Rodrigues, o ensino de História contribui para a construção de uma consciência histórica crítica, capaz de problematizar as relações de poder, as desigualdades sociais e as resistências populares que atravessam a formação da sociedade maranhense.

Assim, a apropriação da história do movimento da Balaiada torna-se instrumento de construção de uma identidade com as lutas populares do presente e de busca de transformação política e social, apontando uma tradição de resistência das camadas oprimidas (Abrantes; Mateus, 2022).

1.1 Por que ensinar História Local?

- A história local é um recurso poderoso porque:
- torna o conteúdo mais significativo;
- ajuda o estudante a perceber que ele é parte da história;
- combate o distanciamento que muitos alunos têm do conhecimento histórico;
- mostra que a Balaiada não é apenas um episódio distante nos livros didáticos, mas ocorreu no espaço em que vivem.

1.2 A Balaiada como patrimônio histórico vivo

A Balaiada (1838–1841) foi um movimento social de caráter popular, marcado por conflitos, resistências, estratégias militares e disputas de poder no Maranhão. Nina Rodrigues, foi uma área de forte atuação dos balaios, que utilizaram morros, rios e matas como campos estratégicos.

Ao caminhar por esses locais, os estudantes acessam:

- paisagens que os balaios realmente percorreram;
- áreas de defesa e refúgio;
- caminhos de fuga;
- pontos estratégicos utilizados pelos revoltosos.

Nesse sentido, no município de Nina Rodrigues – MA, que no século XIX denominava-se Vila da Manga, a história local assume papel central, especialmente por ser o território de origem da Balaiada.

Meneses (2018) destaca que, quando há engajamento social, democratização do debate e reconhecimento da diversidade de memórias, o patrimônio pode funcionar como uma poderosa ferramenta de história pública, ao permitir que grupos historicamente marginalizados expressem suas identidades e reivindiquem reconhecimento. Ademais, “é importante que o professor trate o patrimônio como algo vivo e pulsante, que, mesmo quando se apresenta em ruínas, pode nos dizer muita coisa” (Napolitano, 2010, p.86).

1.3 O Museu Recanto dos Balaios como experiência de história pública e participação comunitária

O museu “Recanto dos Balaios”, localizado em Nina Rodrigues – Ma, foi assim denominado por seu criador, o Sr. Baltazar Melo. Constitui-se em um Centro de Cultura, localizado na Fazenda Iguará em Nina Rodrigues – Ma, inaugurado em agosto 2017.

O acervo do museu “Recanto do Balaios” é composto por objetos de expressivo valor histórico, muitos deles encontrados nos arredores da cidade por moradores e profissionais envolvidos na dragagem do rio Munim.

Imagem 01: Placa de inauguração do Museu Recanto dos Balaios



Fonte: Acervo pessoal

O museu “Recanto dos Balaios” configura-se como uma experiência singular de História Pública na cidade de Nina Rodrigues, ao se constituir como espaço de produção coletiva da memória da Balaiada e das lutas populares no Maranhão. Diferentemente de museus tradicionais, sua construção não se deu a partir de iniciativas estatais ou acadêmicas isoladas, mas do engajamento direto da comunidade local, que participou ativamente da coleta, preservação e interpretação dos objetos e narrativas expostas.

Diante desse cenário, o patrimônio histórico-cultural assume relevância fundamental enquanto expressão da memória coletiva, compreendida como uma construção social compartilhada por grupos específicos. É por meio dessa memória socialmente produzida e continuamente ressignificada que se fortalecem os vínculos de pertencimento e de identidade dos sujeitos, que passam a reconhecer-se como parte integrante de uma trajetória histórica comum. (Duarte, 2022)

O Museu Recanto dos Balaios consolida-se como instrumento de grande relevância para a história, a cultura, a ciência e a educação. Vale frisar que “os museus funcionam como elos entre a memória e o esquecimento, o indivíduo e a sociedade, desta forma, instiga nos visitantes memórias e reações diversas, que dialogam com a sua trajetória” (Santos, 2022, p.194).

Imagem 02 : Entrada do Museu Recanto dos Balaios



Fonte: Acervo pessoal

1.4 A Geografia como chave interpretativa

O território de Nina Rodrigues apresenta características que influenciaram diretamente a dinâmica da Balaiada:

- o relevo elevado do Morro do Nazário;
- a confluência dos rios Munim e Iguará;
- trilhas naturais e campos abertos;
- possibilidades de observação e vigilância.
- Esses elementos permitem integrar conteúdos como:
 1. geomorfologia;
 2. hidrografia;
 3. paisagem;
 4. leitura cartográfica;
 5. relação sociedade-natureza.

1.5 BNCC — Competências relacionadas

Este guia contempla competências de:

História (EF)

- EF06HI04 – Narrativas, fontes e interpretações.
- EF07HI02 – Memória e patrimônio.
- EF09HI01 – Território e processos históricos.
- EF09HI06 – Conflitos e resistências no Brasil.

Geografia (EF)

- EF06GE04 – Transformações da paisagem.
- EF07GE05 – Hidrografia e território.
- EF09GE04 – Espaço, sociedade e natureza.

Observação:

Professor(a) essas competências são apenas algumas que podem ser trabalhadas, por isso mesmo fiquem à vontade para utilizá-las de acordo com a realidade da sua turma. Sobre os outros componentes curriculares, deixo aqui minha provocação para que mais guias como esse possam ser feitos incluindo assim outras componentes curriculares tornando efetiva a interdisciplinaridade além de ajudar o trabalho docente.

Habilidades Gerais

- Pesquisa;
- Leitura de mundo;
- Trabalho em equipe;
- Autonomia;
- Observação sistemática.

Na área de Humanas no Ensino Médio podemos indicar as seguintes competências

- EM13CHS101 – Analisar processos históricos, culturais, políticos, econômicos e geográficos para compreender a formação das sociedades.
✓ Aplicado ao estudo do território de Nina Rodrigues e ao papel estratégico do Morro do Nazário na Balaiada.
- EM13CHS102 – Analisar práticas e relações de poder em diferentes tempos e espaços.
✓ Relacionado às disputas sociais do Maranhão do século XIX e ao significado político da revolta.
- EM13CHS201 – Utilizar diferentes fontes de informação para compreender processos sociais e propor argumentações.
✓ Inclui observação da paisagem, objetos do museu, vestígios históricos e documentos da revolta.

- EM13CHS301 – Analisar a ação humana na construção e transformação do espaço geográfico.
- ✓ Trabalhado na leitura das trilhas, da ponte sobre os rios Munim e Iguará e do sítio onde ocorreram confrontos.

- EM13CHS401 – Elaborar argumentos com base em dados, evidências e diferentes interpretações.
- ✓ Utilizado nos debates após o percurso e nos relatórios de campo.

- EM13CHS402 – Participar de ações coletivas, colaborativas e responsáveis.
- ✓ Aplicado na organização da caminhada, cuidado mútuo e avaliação coletiva da experiência.

O percurso de 1,91 km — da Escola Major Érico Gomes Braga ao Museu Recanto dos Balaies, passando pela frente do Morro do Nazário e pela ponte sobre o encontro dos rios Munim e Iguará — permite trabalhar:

História:

- investigação de campo (EM13CHS202)
- análise da paisagem histórica (EM13CHS104)
- múltiplas narrativas da Balaiada (EM13CHS105)

Geografia:

- leitura do território e relevo (EM13CHS301)
- hidrografia (encontro dos rios)
- compreensão do uso estratégico do espaço na revolta

Sociologia:

- análise das estruturas sociais e desigualdades que motivaram a Balaiada (EM13CHS102; EM13CHS303)

Filosofia:

- reflexão crítica e ética sobre conflito, resistência e justiça (EM13CHS401)

CAPÍTULO 2

ORIENTAÇÕES LOGÍSTICAS E DE SEGURANÇA

Este capítulo aprimorado contém instruções detalhadas para qualquer professor, mesmo sem experiência, conduzir a aula de campo com segurança.

2.1 Formação da equipe escolar

Recomenda-se o mínimo de 5 professores para uma turma de 30 a 40 alunos:

- 1 professor líder (coordena e comunica);
- 2 professores laterais (acompanhamento nas laterais da turma);
- 1 professor de retaguarda;
- 1 professor de apoio emergencial.

Se houver mais alunos, aumentar proporcionalmente.

2.2 Materiais obrigatórios

- garrafa individual de água (mínimo 500 ml);
- lanche simples;

- boné ou chapéu;
- roupas leves;
- protetor solar;
- tênis ou sandálias fechadas;
- caderno/prancheta;
- lápis e caneta;
- celular para fotos, se permitido.

2.3 Cuidados de segurança indispensáveis

- conferência prévia do trajeto pelos professores;
- evitar o percurso em horários de sol intenso (12h às 15h);
- caminhada em fila dupla;
- paradas estratégicas para descanso;
- atenção especial no trecho da ponte (encontro dos rios);
- evitar a subida ao Morro do Nazário com estudantes;
- kit de primeiros socorros (obrigatório).

2.4 Contato com o Museu Recanto dos Balaies

Recomenda-se:

- avisar a visita com antecedência;
- solicitar um guia ou monitor;
- verificar disponibilidade de mediação.

CAPÍTULO 3

DESCRIÇÃO DETALHADA DO PERCURSO (1,98 km)

Este é o capítulo central do guia, com explicações claras, objetivas e didáticas.

3.1 Ponto de Partida: Escola Major Érico Gomes Braga ou o centro da cidade de Nina Rodrigues

O que o professor deve fazer:

- reunir os alunos e explicar o propósito da aula de campo;
- distribuir os cadernos de campo;
- revisar regras de segurança;
- apresentar brevemente quem foram os balaios;
- contextualizar que o trajeto refaz caminhos históricos utilizados no século XIX.

3.2 Caminho até a frente do Morro do Nazário

Distância aproximada: 500 a 700 metros

Tempo: 10 a 15 minutos de caminhada leve.

O que observar:

- terrenos planos e áreas elevadas;
- moradia rural e ocupação atual;
- mudanças na paisagem ao longo da caminhada.

Parada estratégica: Frente do Morro do Nazário.

Aqui, o professor deve explicar:

- o morro como ponto de vigilância;
- sua função estratégica na Balaiada;
- sua inclinação íngreme, dificultando ataques;
- que há trincheiras preservadas no topo, porém de difícil acesso escolar.

Atividade sugerida:

- pedir que os alunos desenhem o morro em seus cadernos;

3.3 Caminho até a ponte sobre o encontro dos rios Munim e Iguará

Distância: cerca de 700 metros

Tempo: 10 a 12 minutos

O que observar:

- vegetação próxima às margens;
- presença de voçorocas ou erosões (se houver);
- terrenos úmidos, várzeas ou áreas de inundação.

3.4 Parada 2: a ponte e o encontro das águas

Este é um ponto extremamente rico para História e Geografia.

O professor deve destacar:

- o encontro de dois rios diferentes (Munim e Iguará);
- diferenças na coloração da água;
- a força da correnteza;
- importância desse encontro como:
 1. via de fuga,
 2. rota de abastecimento,
 3. ponto estratégico militar,
 4. rota de comércio histórico.

Atividade

Pedir aos alunos:

- fotografar as águas;
- registrar diferenças de cor, textura e movimento;
- refletir: “Como os balaios usavam os rios?”

3.5 Caminho final até o Museu Recanto dos Balaios

Distância: cerca de 500 metros

Tempo: 10 minutos

A paisagem aqui é mais aberta, permitindo observar:

- áreas de moradia;
- campos;
- vegetação de transição.

3.6 Chegada ao Museu Recanto dos Balaivos

No museu, os estudantes terão contato com:

- peças de artilharia;
- ferramentas da época;
- objetos do cotidiano;
- documentos;
- recriações históricas.

O professor deve:

- incentivar perguntas;
- orientar registros;
- articular o que viram no caminho com o que veem no museu.

Atividade:

- registrar três objetos que chamaram atenção;
- responder: “Como esse objeto ajuda a entender a Balaiada?”

CAPÍTULO 4

ROTEIRO DIDÁTICO COMPLETO

4.1 Antes da aula de campo

- texto introdutório sobre a Balaiada;
- mapa do município;
- linha do tempo;
- análise do território;
- organização dos grupos.

4.2 Durante a aula

- observação orientada;
- uso do caderno de campo;
- registro de paisagens;
- hipóteses e perguntas.

4.3 Depois da aula

- debates;
- mapas mentais;
- produção de relatórios;
- vídeos, desenhos;
- construção de maquetes.

CAPÍTULO 5

ANEXOS

1. Mapa Esquemático do Percurso



2. ficha de observação da paisagem

MODELO – FICHA DE OBSERVAÇÃO DA PAISAGEM
(Para ser utilizada pelos estudantes durante o percurso)

FICHA DE OBSERVAÇÃO DA PAISAGEM – Percurso Histórico da Balaiada

Local:

Data:

Turma:

Nome do(a) estudante:

1. Observações iniciais

- **Descreva como é a paisagem geral observada ao sair da escola (vegetação, construções, vias, uso do solo):**
- **Quais elementos da paisagem chamaram sua atenção? Por quê?**

2. Trecho do Morro do Nazário (observação frontal)

- **Caracterize o relevo do Morro do Nazário:**
 - () Forte inclinação
 - () Vegetação densa
 - () Trincheiras visíveis

() Área de difícil acesso

() Outros:

- O que esse tipo de relevo revela sobre sua importância estratégica na Balaiada?
- Registre elementos que podem indicar intervenção humana antiga (trincheiras, abrigos, caminhos)

3. Pontão sobre o encontro dos rios Munim e Iguará

- Identifique diferenças na coloração das águas dos dois rios:

() Sim

() Não

Descreva:

- Qual a possível importância estratégica desse ponto para circulação de pessoas e grupos na época da Balaiada?
- Registre aspectos ambientais observados (correnteza, margens, fauna, vegetação):

4. Chegada ao Museu Recanto dos Balaios

- Quais elementos do acervo chamaram mais sua atenção?

- **Escolha um objeto e descreva como ele se relaciona com o contexto da Balaiada:**
- **O que você aprendeu ao observar este espaço de memória?**

5. Impressões Finais

- **O que mais lhe impressionou durante o percurso?**
- **O que você considera que deveria ser preservado e por quê?**
- **Que novas perguntas surgiram para você após essa experiência?**

3. Checklist Completo

MODELO – CHECKLIST COMPLETO PARA O PERCURSO DIDÁTICO DA BALAIADA

(Para uso do professor antes e durante a saída)

✓ CHECKLIST COMPLETO – AULA DE CAMPO DA BALAIADA

1. Organização Prévia

- () Autorização impressa dos responsáveis
- () Relatório do percurso e plano de aula definidos
- () Documento com lista completa dos estudantes
- () Equipe mínima de 5 professores ou responsáveis distribuídos por pontos de apoio
- () Comunicação prévia com a direção da escola
- () Definição de horários: saída, pontos de parada, chegada ao museu
- () Contato telefônico dos responsáveis pela segurança e apoio

2. Materiais Necessários

Para os professores:

- () Pranchetas
- () Cópias da Ficha de Observação da Paisagem
- () Canetas e lápis reserva
- () Celular carregado / powerbank
- () Kit de primeiros socorros
- () Lista de chamada

- () Mapa ou rota impressa do percurso
- () Protetor solar
- () Boné/chapéu
- () Apito para organização do grupo

Para os estudantes

- () Garrafa de água
- () Lanche leve
- () Roupas confortáveis
- () Tênis fechado
- () Bloquinho ou caderno de campo
- () Protetor solar
- () Saco para descarte de lixo

3. Segurança do Percurso

- () Briefing inicial com orientações de segurança
- () Organização do grupo em “fileiras” ou blocos acompanhados pelos professores
- () Atenção especial ao trecho do Morro do Nazário (não subir)
- () Passagem segura pelo pontão sobre o encontro dos rios
- () Observação de possíveis trechos escorregadios
- () Monitoramento da hidratação dos alunos
- () Acompanhamento de estudantes com restrições de saúde

4. Durante o Percurso

- Paradas pré-definidas para explicações históricas e geográficas
- Incentivar registro fotográfico educativo
- Aplicação da ficha de observação
- Garantir que nenhum estudante se afaste do grupo
- Conferir presença nos pontos-chave:
 - Saída
 - Morro do Nazário
 - Pontão dos rios
 - Chegada ao Museu

5. No Museu Recanto dos Balaios

- Organização da turma antes de entrar
- Orientar para não tocar nos objetos sem permissão
- Divisão em pequenos grupos para observação
- Registro dos itens mais importantes do acervo
- Conexão entre objetos e contexto da Balaiada
- Momento final de perguntas e socialização

6. Pós-Percurso

- Realização de roda de conversa
- Coleta das fichas de observação
- Produção de relatório individual ou coletivo
- Avaliação da atividade pelos professores
- Arquivamento fotográfico/documental para a escola
- Sugestões para futuras edições do percurso

CONCLUSÃO

O presente guia pedagógico buscou oferecer subsídios práticos para o ensino da Balaiada a partir do território de Nina Rodrigues – MA, articulando história local, educação patrimonial e práticas pedagógicas participativas. Ao propor o percurso histórico como estratégia de ensino, o material pretende aproximar os estudantes dos lugares de memória e das narrativas que constituem a história do movimento, favorecendo uma aprendizagem mais contextualizada e significativa. Dessa forma, espera-se que as atividades sugeridas contribuam para fortalecer o ensino de História na educação básica, estimulando o protagonismo discente, o reconhecimento do patrimônio local e a valorização das lutas populares que marcaram a formação histórica da região.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Elizabeth Sousa; PEREIRA, Josenildo de Jesus; MATEUS, Yuri Givago Alhadef Sampaio (Orgs.) **Histórias e memórias da Balaiada** –São Luís, MA: Editora UEMA; Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.

CAVALCANTI, Erinaldo. **História e história local: desafios, limites e possibilidades**. Revista História Hoje, v. 7, nº 13, p. 272-292, 2018.

DUARTE, Rosângela de Oliveira. **Ensinar história com o museu: produzindo a Balaiada a partir do patrimônio e da memória**. Curitiba: CRV, 2022.

NAPOLITANO, Marcos. CULTURA. PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Novos temas nas aulas de história**. 1 ed., São Paulo: Contexto, 2010.

TOLENTINO, Átila Bezerra. **O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática**. Educação patrimonial [recurso eletrônico]: políticas, relações de poder e ações afirmativas / organização, Átila Bezerra Tolentino, Emanuel Oliveira Braga. – Dados eletrônicos – João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016. – (Caderno Temático; 5).

MENESES, José Newton Coelho. **Todo patrimônio é uma história pública?**. MAUAD, Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade. (Orgs.) Que história pública queremos? São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018.

SANTOS, Reinilda de Oliveira. **Um olhar sobre o memorial da Balaiada de Caxias/MA:** refletindo sobre o museu enquanto ferramenta metodológica para o ensino de História. ABRANTES, Elizabeth Sousa; PEREIRA, Josenildo de Jesus; MATEUS, Yuri Givago Alhadef Sampaio (Orgs.) Histórias e memórias da Balaiada. São Luís, MA: Editora UEMA; Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.